



Junho
2014

86 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira
Maria Inês e Gerson Pereira Pepe
Marisa e José Galdino Ulysses
Raimunda e Francisco de Assis Rocha Albuquerque
Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Hélio Amorim
Arlete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Francione e Ricardo R. Werneck
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 17:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão

DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Arte e diagramação

Anderson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

As práticas sociopolíticas.....	4
<i>Helio Amorim</i>	
A imposição das escolhas.....	6
<i>Rosely Sayão</i>	
A receita do Papa Francisco para fazer o amor durar.....	8
Ampliando o Olhar.....	10
Autonomia da escola.....	12
<i>Marco Lucchesi</i>	
Cabala - Seria a vida uma doença?.....	14
Carta de São Mateus.....	17
É inadmissível que exista ser humano que passe fome.....	22
Em tom de oração.....	25
Epidemia de crack e abandono.....	27
<i>Ética para a nova era</i>	30
Geração Nem-Nem + uma bomba-relógio.....	32
<i>Luiz Flávio Gomes</i>	
Golpe e revolução.....	34
<i>Geraldo Ribeiro de Sá</i>	
Grupos de rua: espaço para o exercício de colegialidade.....	36
Jesus verdadeiro homem (II).....	39
<i>Helio Amorim</i>	
Apartheid à Brasileira - Conclusão.....	41
<i>Jakson Ferreira de Alencar</i>	
Liberdade de ver e ouvir.....	51
<i>Jorge Carrano</i>	
Por que se divorciam os casais?.....	53
<i>Deonira L. Viganó La Rosa</i>	
Quem é o meu próximo?.....	56
Quem tem medo da morte?.....	57
<i>Jorge Leão</i>	





EDITORIAL

As práticas sociopolíticas

Helio Amorim

Aquela velha história do peixe e do anzol procura recuperar o valor de ações promocionais ante a pobreza, mas convém ser realista e corrigir o enunciado antigo. Com efeito, a quem está com fome, vamos primeiro dar o peixe para que não morra e só depois da fome vencida ensinar-lhe a pescar.



Mas isto não basta, nesse modelo injusto de sociedade excludente e opressora. A maioria absoluta dos que trabalham não consegue usufruir do produto do seu trabalho. Produz alimentos mas passa fome. Produz bens que nunca poderá possuir.

Constrói boas casas mas mora em barracos miseráveis. Os donos das máquinas e das fábricas, das fazendas e usinas, aqueles que investem seu capital na produção possuirão tudo o que braços e mentes produzirão. Aos trabalhadores pagarão salários insuficientes para comprar as coisas que produzem. Quer dizer, aquele que pesca não tem o direito de comer o peixe que pescou.

Este é o complemento daquele ditado.

Essa equação cruel faz parte da lógica do sistema capitalista em sua forma habitualmente selvagem, que hoje se reveste de uma vistosa e enganosa roupagem chamada neoliberal. Tudo será regulado pelo deus-mercado, cuja “mão invisível” cuidará que as tensões se equilibrem magicamente, dela resultando misteriosamente a justiça social e a paz, com igualdade de oportunidades para todos, numa sociedade igualitária e feliz.

O que observamos, mesmo os mais distraídos, é que essa utopia multissecular de Adam Smith nunca se realizou, em nenhuma parte do mundo. Somente os países mais ricos conseguem se aproximar desse sonho utópico, à custa da histórica exploração dos países menos desenvolvidos, condenados à eterna pobreza e atraso.

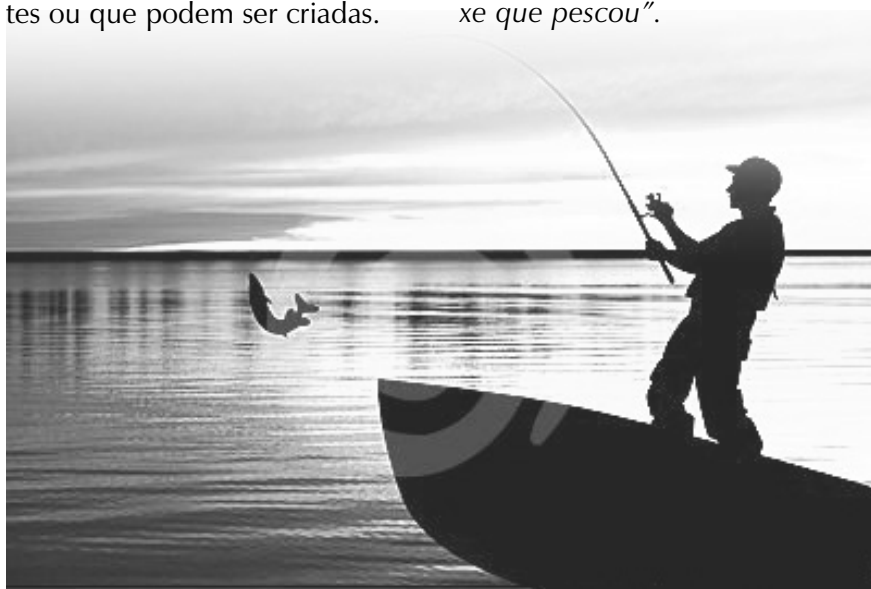


Voltando ao pobre pescador, percebemos que esses mecanismos espoliadores são próprios de estruturas socioeconômicas desumanizadoras intoleráveis. O cristão conscientizado identifica essas engrenagens. Em sua ação profética, denuncia a sua maldade intrínseca. Também compreende que a denúncia não é suficiente. É urgente transformar essa realidade contrária ao projeto de Deus.

Essas transformações somente acontecerão por via política. O cristão é chamado a uma atuação política efetiva, num leque amplo de possibilidades e alternativas eficazes. Além da militância ativa em partidos políticos, são inúmeras outras as oportunidades de ações dessa natureza através da participação nas múltiplas estruturas sociais intermediárias existentes ou que podem ser criadas.

Paulo VI, na “Octogesima Adveniens” afirma que a ação política é uma das mais nobres maneiras de o cristão atuar no mundo, para transformá-lo. A política, em suas variadas expressões, é o instrumento próprio para perseguir-se esse objetivo. É espaço a ser ocupado pelos cristãos, como opção de fé.

Então podemos reescrever o pensamento famoso: *“a quem tem fome, dar o peixe, antes que morra; logo que possível, vencida a fome, dar-lhe o anzol e ensiná-lo a pescar, mas também assegurar-lhe esse direito, para que não fique para sempre dependente do dono do pesqueiro; em seguida, juntar-se a ele na luta política pelo direito de comer o peixe que pescou”.*





A IMPOSIÇÃO DAS ESCOLHAS

Rosely Sayão

A criança tem o direito de viver a infância sem ter de arcar com responsabilidades que são nossas.

VOCÊ TEM filhos com menos de seis anos, leitor? Que tal garantir a eles a oportunidade de viver como crianças pequenas que de fato são?

Um bom começo é deixar de dar tanta importância à preparação delas para um futuro exitoso.

Pois é: hoje, as crianças perdem esse período precioso da vida, e tão breve, porque decidimos que, quanto mais cedo elas forem introduzidas ao manuseio das ferramentas do mundo adulto, maiores serão suas chances quando tornarem-se adultas.

Essa postura, cheia de boas intenções, é um componente importante no processo em curso que promove o desaparecimento da infância no mundo contemporâneo. E você sabe, leitor, o que significa ser criança sem ter a chance de viver a infância?

Não. Ninguém sabe ao certo como é a vida das crianças neste mundo. Entretanto, temos algumas pistas a esse respeito. Ansiedade,



insônia, depressão, inquietação constante, medo, hipertensão, obesidade, doenças do aparelho digestivo etc., males que antes eram exclusividade do mundo adulto, hoje são frequentes na infância, inclusive na primeira parte dela.

Pressa, pressão, compromissos, deveres. Nada disso combina com os primeiros anos de vida. O que combina?

Tempo, material e oportunidade para brincar, por exemplo. Ou para nada fazer: só olhar, observar, participar da vida de um modo muito particular.

Crianças dessa idade podem aprender informática, línguas, esportes, letras e números? Podem. Precisam disso? Não precisam.

Pelo menos não do modo como temos feito. Criança com até seis anos aprende brincando. Mas ela não deve brincar para aprender determinado conteúdo e sim



aprender algo, por acaso, brincando apenas. Simples assim.

Outro caminho para deixar a criança viver a infância a que tem o direito é não passar a ela as responsabilidades que são nossas. Não se espante, leitor: fazemos isso diariamente.

Escolher a roupa que vai vestir, o brinquedo que quer ganhar, o calçado que quer usar, o horário em que vai se recolher para descansar, qual escola vai frequentar, se vai atender a imposição familiar ou se vai desobedecer...

Quantas escolhas permitimos que elas façam e que deveriam ser só nossas!

Vamos convir: escolher algo é um processo complexo até para um adulto, não é verdade? Quem não pensa para escolher se muda de emprego ou não, se casa ou permanece solteiro, se rompe um relacionamento amoroso desgastado ou deixa a coisa rolar, se usa esta ou aquela roupa em uma ocasião especial, entre outras situações?

Pois essas escolhas, que são tão importantes na vida de um adulto, porque interferem no eixo vital deles, são similares às escolhas que obrigamos as crianças pequenas a fazer. Sim: obrigamos.

Elas querem, elas pedem por tudo isso e atendemos — é assim que preferimos pensar. Elas até podem querer, mas nós é que devemos saber o que faz bem a elas ou o que fará com que padeçam.

Por não suportarmos o sofrimento que a criança experimenta quando é desagradada, temos feito com que sofram muito mais.

Se você conseguir poupar seus filhos menores de seis anos do processo de fazer escolhas complexas e permitir que eles passem esses primeiros anos de vida apenas brincando sem qualquer outro objetivo que não o de se divertir, dará a eles uma vida presente muito rica. E essa é a melhor maneira de preparar um futuro melhor.

*Rosely Sayão é psicóloga
e autora de "Como Educar
Meu Filho?" (Publifolha)*

*Transcrito do Caderno Equilíbrio da
Folha de São Paulo*

PARA REFLETIR:

- Discutir a educação dos filhos relacionando-a com "NOÇÃO DE LIMITES X LIBERDADE E BRINCADEIRAS".
- Repensar o processo de EDUCAÇÃO PERMANENTE DOS ADULTOS nas relações familiares e na convivência social.



❧ receita do Papa Francisco para fazer o amor durar

“Viver juntos é uma arte, um caminho paciente, bonito e fascinante (...) que tem regras que se podem resumir exatamente naquelas três palavras: ‘posso?’, ‘obrigado’ e ‘desculpe’”.

Hoje em dia existe muito medo de tomar decisões definitivas, como a de **casar-se**, pois as pessoas consideram impossível manter o **amor** vivo ao longo dos anos. O **Papa Francisco** fala deste tema e nos convida a não nos deixarmos vencer pela “cultura do provisório”, pois o **amor** que fundamenta uma família é um **amor** para sempre.

O que entendemos por “amor”?

Com a sabedoria e a simplicidade que o caracterizam, o **Papa Francisco** começa com um importante esclarecimento sobre o verdadeiro significado do **amor**, já que, diante do medo do “para sempre”, muitos dizem: “Ficaremos juntos enquanto o **amor** durar”.

Então, ele pergunta: “O que entendemos por ‘**amor**’? Só um sentimento, uma condição psicológica? Certamente, se é assim, não se pode construir nada sólido.



Mas se o **amor** é uma relação, então é uma realidade que cresce, e também podemos dizer, por exemplo, que se constrói como uma casa. E a casa é construída em companhia do outro, não sozinhos! Não queiram construí-la sobre a areia dos sentimentos, que vão e vêm, mas sim sobre a rocha do **amor** verdadeiro, o **amor** que vem de Deus.”

“O **matrimônio** é um trabalho de ourivesaria que se constrói todos os dias ao longo da vida. O marido ajuda a esposa a amadurecer como mulher, e a esposa ajuda o marido a amadurecer como homem. Os dois crescem em humanidade e esta é a principal herança que deixam aos filhos”, acrescenta.





Três palavras mágicas para fazer o casamento durar

O **Papa** esclarece que o “para sempre” não é só questão de duração. “Um **casamento** não se realiza somente se ele dura, sua qualidade também é importante. Estar juntos e saber amar-se para sempre é o desafio dos esposos.”

E fala sobre a convivência matrimonial: “Viver juntos é uma arte, um caminho paciente, bonito e fascinante (...) que tem regras que se podem resumir exatamente naquelas três palavras: ‘posso?’, ‘obrigado’ e ‘desculpe’”.

“‘Posso?’ é o pedido amável de entrar na vida de alguém com respeito e atenção. O verdadeiro **amor** não se impõe com dureza e agressividade. São **Francisco** dizia: ‘A cortesia é a irmã da caridade, que apaga o ódio e mantém o **amor**’. E hoje, nas nossas famílias, no nosso mundo amiúde violento e arrogante, faz falta muita cortesia.”

“Obrigado’: a gratidão é um sentimento importante. Sabemos agradecer? (...) É importante manter viva a consciência de que a outra pes-

soa é um dom de Deus, e aos dons de Deus diz-se ‘obrigado’. Não é uma palavra amável para usar com os estranhos, para ser educados. É preciso saber dizer ‘obrigado’ para caminhar juntos.”

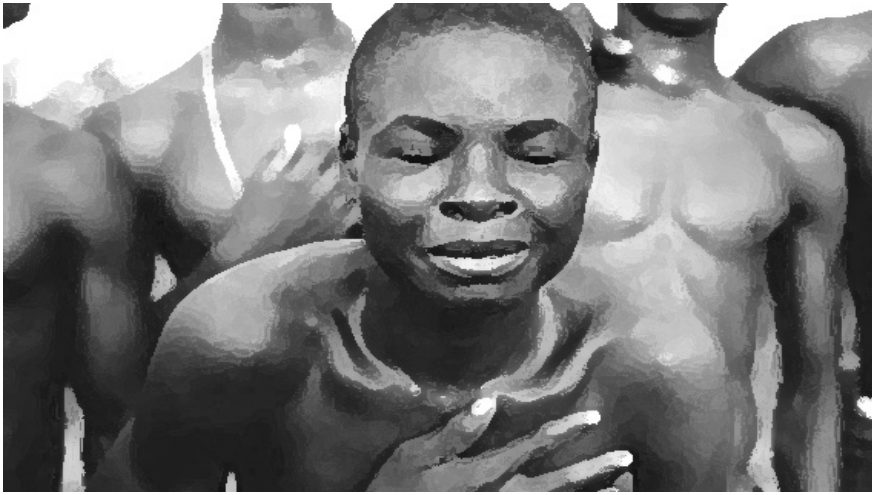
“‘Desculpe’: na vida cometemos muitos erros, enganamo-nos tantas vezes. Todos. Daí a necessidade de utilizar esta palavra tão simples: ‘desculpe’. Em geral, cada um de nós está disposto a acusar o outro para se desculpar. É um instinto que está na origem de tantos desastres. Aprendamos a reconhecer os nossos erros e a pedir desculpa. Também assim cresce uma família cristã.”

Finalmente, o **Papa** acrescenta, com bom humor: “Todos sabemos que não existe uma família perfeita, nem o marido ou a mulher perfeitos. Isso sem falar da sogra perfeita...”.

E conclui: “Existimos nós, os pecadores. Jesus, que nos conhece bem, ensina-nos um segredo: que um dia não termine nunca sem pedir perdão, sem que a paz volte à casa. Se aprendemos a pedir perdão e a perdoar aos outros, o **matrimônio** durará, seguirá em frente.”

Quem encontrou o seu verdadeiro ser nada mais sabe do ilusório ter. Quem realizou o seu ser só conhece amor, e nada sabe de recompensa.

Huberto Rohden



AMPLIANDO O OLHAR

SAWABONA!!!

Há uma “tribo” africana que tem um costume muito bonito. Quando alguém faz algo prejudicial e errado, eles levam a pessoa para o centro da aldeia, e toda a tribo vem e o rodeia. Durante dois dias, eles vão dizer ao homem todas as coisas boas que ele já fez.

A tribo acredita que cada ser humano vem ao mundo como um ser bom. Cada um de nós desejando segurança, amor, paz, felicidade. Mas às vezes, na busca dessas coisas, as pessoas cometem erros.

A comunidade enxerga aqueles erros como um grito de socorro.

Eles se unem então para erguê-lo, para reconectá-lo com sua verdadeira natureza, para lembrá-lo quem ele realmente é, até que ele se lembre totalmente da verdade da qual ele tinha se desconectado temporariamente: “Eu sou bom”.

SawabonaShikoba!

SAWABONA é um cumprimento usado na África do Sul e quer dizer:

“Eu te respeito, eu te valorizo. Você é importante pra mim”

Em resposta as pessoas dizem SHIKOBA, que é:

“Então, eu existo pra você”

por Mera Resiliência - cleoperes.blogspot.com



Ampliando o Olhar

Invictus - William Ernest Henley

Do fundo desta noite que persiste
A me envolver em breu - eterno e espesso,
A qualquer deus - se algum acaso existe,
Por mi'alma insubjugável agradeço.

Nas garras do destino e seus estragos,
Sob os golpes que o acaso atira e acerta,
Nunca me lamentei - e ainda trago
Minha cabeça - embora em sangue - ereta.

Além deste oceano de lamúria,
Somente o Horror das trevas se divisa;
Porém o tempo, a consumir-se em fúria,
Não me amedronta, nem me martiriza.

Por ser estreita a senda - eu não declino,
Nem por pesada a mão que o mundo espalma;
Eu sou dono e senhor de meu destino;
Eu sou o comandante de minha alma.

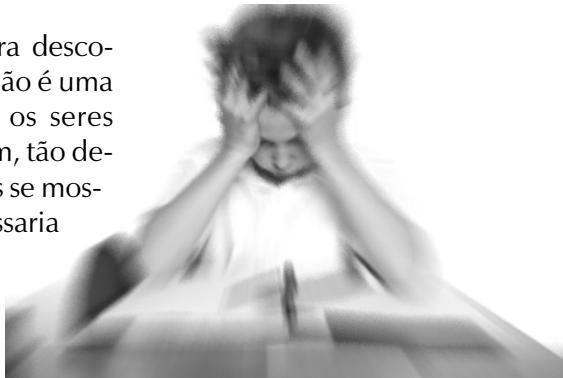
(Quando aprisionado em Robben Island, onde cumpria pena de trabalhos forçados, o líder sul-africano, símbolo da luta contra o Apartheid, encontrou nas palavras de Henley a esperança e a força necessárias para manter-se vivo. Mandela conta que toda vez que começava a esmorecer, lia e relia o texto, em busca de um “companheiro” para a dor)



Autonomia da escola

Marco Lucchesi*

Levamos séculos para descobrir que a infância não é uma doença que ataca os seres humanos quando nascem, tão dependentes e incompletos se mostram. A criança não passaria de um adulto imperfeito, para o qual se devem ministrar remédios, que consistem em apressar-lhe o crescimento, mediante atribuição de tarefas e compromissos, que dissolvam a profunda poesia em que se move. Um crime de lesa-humanidade que se prolonga, infelizmente, sob diversas modalidades.



Leio o programa de uma escola que oferece, a meninos e meninas de seis até onze anos, aulas de economia e administração. E acrescenta uma gloriosa possibilidade de que se tornem milionários, dentro de vinte anos, ou quem sabe antes, através de “sólido projeto de educação financeira”. Não deixa de ser uma forma de considerar as crianças. Como se fossem um bônus do tesouro, um bom investimento a médio e longo prazo.

Existem, obviamente, propostas mais elaboradas com fins sociais e educativas, que merecem

análise e discussão. Mas o problema é outro, no risco de uma escola que se transforma em agência de segunda classe, que já elabora seu projeto filosófico, toda de joelhos para o mercado, sem um programa de cooperação e liberdade, dissolvendo o território frágil da infância.

Uma escola que, de modo geral, não propõe um livro de literatura, que não conhece atividades artísticas, além das acessórias para substituir uma eventual falta de aula, com alunos em permanente estado de competição, como se vivessem dentro da bolsa de valores, de olho no índice Bovespa, sem uma sombra de cortesia, sem o fóssil de um gesto solidário. Eis uma escola pronta a atender o projeto de meia-humanidade, em que desabam as dimensões lúdicas



e afetivas, sem a urgente e necessária defesa dos sonhos.

Em certa escola pública assistimos a imposições de secretarias despreparadas, movidas pelo fetiche das estatísticas, dos índices trazidos por improvisados pedagogos, que empreendem uma guerra santa contra os “verdadeiros inimigos” da escola, que seriam justamente alunos e professores, que não colaboram no alcance das metas, como se a educação dependesse apenas do milagre da multiplicação dos peixes e dos formulários da burocracia, em detrimento da dignidade dos que trabalham nessa mesma escola, superando ásperos desafios, que os tecnocratas não poderão jamais avaliar, por absoluta incompetência.

Trata-se da defesa de uma escola autônoma, com um projeto amadurecido, robusto, sem favores e concessões, diante de vontades que apressem as crianças para fins não generosos, como se fossem bens flutuantes ou cifras eleitorais, que se podem usar sem grandes problemas.

Precisamos de uma escola de valores democráticos fundamentais, de uma escola corajosa, que ande, quando preciso, na contra-mão e favoreça o território de uma viva subjetividade,

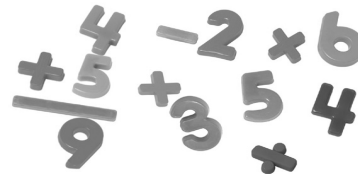
* Marco Lucchesi é poeta, escritor, romancista, membro da Academia Brasileira de Letras, ensaísta e tradutor brasileira de idiomas como russo, romeno, árabe, alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, persa, dentre outros.

Tem coisas que nem Pitágoras explicaria. Aí vai uma delas. Pegue uma calculadora porque não dá pra fazer de cabeça...

- 1 Digite os 4 primeiros algarismos de seu telefone (não vale número de celular);
- 2 multiplique por 80.
- 3 some 1.
- 4 multiplique por 250.
- 5 some com os 4 últimos algarismos do mesmo telefone.
- 6 some com os 4 últimos algarismos do mesmo telefone de novo.
- 7 diminua 250.
- 8 divida por 2.

Reconhece o resultado???????

É O NÚMERO COMPLETO DE SEU TELEFONE





CABALA - SERIA A VIDA UMA DOENÇA?

Antigamente, quando a espiritualidade era algo forte e a ciência era fraca, as pessoas confundiam o fenômeno científico com o fenômeno sagrado; hoje, com a ciência mais forte e a espiritualidade mais fraca, as pessoas confundem o fenômeno sagrado com o fenômeno científico.

A ciência médica dedica-se a manter a saúde e remover as feridas provocadas pelas doenças.

Mas, o que é doença?

Em geral é uma coisa que afeta o corpo de forma a atrapalhar ou impedir seu funcionamento normal.

Estamos todos destinados a morrer de alguma coisa e, com muita frequência, esta “alguma coisa” é uma doença ou alguma complicação dela advinda.

Ainda assim devemos considerar que a definição de “funcionamento normal” baseia-se, em parte, em normas sociais, além de biológicas.

Por exemplo: se uma pessoa sofre regularmente de alucinações, ou seja, se vê e ouve coisas que ninguém mais ouve nem vê,

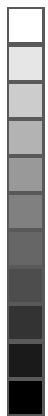


pode ser chamado de “psicótico” e diagnosticado com uma doença psiquiátrica.

Mas, novamente, se vê alguma coisa que ninguém mais vê e transforma-as em filmes, ou ouve coisas que ninguém mais ouve e transforma-as em músicas, é possível que seja um diretor de cinema ou um compositor musical.

Se consegue domar sua mente selvagem de modo a criar beleza ou clareza sem igual, pode até ganhar o Prêmio Nobel. O grande problema é que vivemos em um mundo que anda em busca de novas doenças.

Suponhamos que você tenha passado por uma má experiência de vida que lhe tenha causado uma profunda “marca” interior.





Talvez tenha sido assaltado, surrado. Talvez tenha sofrido algum acidente de carro ou tenha vivido alguma experiência ameaçadora.

Se você por um acaso ainda é incomodado pelo passado, pode ser “diagnosticado” como portador de Transtorno Do Excesso Pós-Traumático.

Parece um nome de doença importante não é? O que significa essa “doença” exatamente?

Significa que a pessoa está incomodada com o passado. Ou seja, a pessoa é incomodada por suas lembranças do passado, e seu desejo de compreender por que as coisas aconteceram, para se auto preservar.

Desde quando lembranças se tornam doenças?! É essa a melhor explicação que conseguimos conceber para um profundo mal estar?

O problema é que quanto mais velho ficamos, mais coisas podem ter dado errado na vida,

e cada vez nos sentimos mais e mais doentes.

Tratar uma doença como sendo um mal estar é um tipo de erro, mas tratar um mal estar como sendo uma doença é uma profunda insanidade social.

Mas como podemos saber qual é a diferença? O melhor tratamento é sempre o tratamento adequado, certo?.

Mas, parta do princípio de que você é uma pessoa saudável até que se prove o contrário.

Bem, a suposição de salubridade e a de sanidade foram desgastadas nos últimos anos por forças políticas, sociais e comerciais que trabalham arduamente para minar suas liberdades fundamentais.

Isso torna mais difícil conseguir imparcialidade na avaliação do que vem a ser um indivíduo saudável ou um indivíduo doente. A vida e a busca do bem estar não é uma tarefa fácil de se constituir.

Problemas econômicos, violência social, crises emocionais, problemas com os filhos, com os pais, com a política, com o terrorismo, enfim, há muitas razões para nos sentirmos mal, mais isso não significa que se esteja doente.



Se você não se sente capaz de resolver algumas das questões mencionadas acima, então supõe-se (pelos padrões contemporâneos) que você tenha uma “doença”.

Chama-se Transtorno De Ansiedade Social. E a solução mais comum é o famoso Antidepressivo.

Em outras palavras, os modelos sociais modernos sempre supõem que você seja instável, desajustado ou coisa pior.

Quem supõe?

A indústria farmacêutica, que pretende ganhar muito dinheiro convencendo você de que seu mal-estar é na verdade uma doença.

E isso não é ciência, isso é comércio. Temos que ter uma definição mais contemplativa sobre o mal-estar que nos cerca, sem que venhamos a nos convencer de que estamos doentes.

O mal estar dos problemas não são doenças, são oportunidades!

A fraude toda baseia-se em sua confusão: se soubesse a diferença entre mal-estar e doença, não precisaria se encher de remédios ou formar uma auto-imagem de uma pessoa doente.

É preciso fazer uma distinção entre doença e os desafios normais da vida de uma pessoa.

A vida não é uma doença. E suas dificuldades e tribulações, que às vezes provocam mal-estar, também não são sintomas de doença.

Há quem realmente se beneficie com remédios antidepressivos, assim como outros se beneficiam com fototerapia.

Mas quando a química do seu cérebro se estabilizar e você estiver funcionando bem, ainda vai precisar de uma ferramenta Espiritual de autoconhecimento para lidar com todos os mal-estares que está fadado a enfrentar.

Dê um jeito de procurar entender o momento que está passando e a fonte de suas tensões.

Isso se chama Espiritualidade Aplicada. Saiba que nem sempre é possível mudar as circunstâncias da vida, mas sempre se pode mudar a maneira como as interpretamos

A maneira como você interpreta poderá fazer toda a diferença.

Fonte: Academia de Cabala

Maurílio Nogueira

“O amor é uma forma de inocência. Inocência é uma ponte”

Osho



Carta de São Mateus

São Mateus (ES) - 15 de fevereiro de 2014.

Caros amigos, amados irmãos MFCistas de todo o Brasil,

O que denominamos de Carta de São Mateus é resultado da vivência do MFC Cidade – Reencontro Conjugal, que teve como objetivo fortalecer e reanimar os casais MFCistas dando novo ânimo para retomarmos as atividades na busca de atender ao nosso **Carisma Original de Valorização do amor conjugal, da espiritualidade do casal cristão. O casal deve ter uma espiritualidade própria, que responda a seus problemas. E uma das consequências é a valorização da mulher, de sua pessoa e atividade.**

Com o passar dos anos é comum que as pessoas, que o casal se acomode e ou se acostume com as situações do dia-a-dia, que possam levar ao desgaste do relacionamento, quando não a chamada rotina, isso tem tirado o brilho do amor. Entendemos tudo isso como acúmulo de experiências, que nem sempre são boas, muitas vezes le-

vando o casal a tomar rumos diferentes e caminhos diversos diminuindo a possibilidade de ser feliz e da sustentabilidade da célula família de forma duradoura e harmoniosa.

A Carta de São Mateus foi construída a partir de vivências, e após realização de atividade lúdica onde os participantes foram levados a exercitar e identificar o que é importante fazer para manter o bom relacionamento, um verdadeiro reencontro conjugal, sugerimos que esta Carta fosse levada aos Grupos Base dando-lhes subsídios concretos de uma experiência dos casais e pessoas participantes, esperamos assim poder ajudar aos irmãos MFCistas na reflexão do tema elucidando a nossa caminhada, dando novo vigor as nossas atividades.

Foram identificados pontos chave para a manutenção de um bom relacionamento humano e interpessoal,





e conseqüentemente encontrando a tão sonhada paz, a felicidade e prosperidade pessoal, conjugal, familiar e da comunidade. Os itens aqui citados não estão por ordem de importância, mas por serem considerados essenciais ao convívio entre seres humanos.

DIÁLOGO

“Não é bom ficar sem conversar, o diálogo é muito importante para o casal e é conversando que se conhece melhor o outro, sabe mais o que gosta ou não gosta”.

O estresse, a raiva ou ressentimentos, podem ser os grandes causadores do afastamento familiar e das pessoas, inclusive no diálogo. É preciso cooperação de todas as partes envolvidas e dedicação em não se chatear pelos problemas existentes.

A melhor forma de se resolver um problema, além da oração é também através de uma boa conversa, honesta, sincera e transparente.

Os casais conseguem se entender melhor sem as críticas destrutivas e falando com carinho sobre o que sente e como se sente dentro do relacionamento, sem jamais ofender os sentimentos do outro.

Um bom diálogo resolve muitos problemas. Se há algo que te incomode no casamento, é melhor conversar logo, antes que se transforme em uma bola de neve, que quanto mais despenca do penhasco, mais cresce.

SINTONIA

“Ruim a sensação de ficar amarrado, dependendo do outro para suprir a necessidade e só com o tempo foi surgindo maior sintonia”.

A sintonia é considerada como uma das leis universais que naturalmente buscamos o tempo todo. Vivenciamos o tempo todo em todas as nossas relações, em casa, no MFC, nos diversos grupos sociais, nas relações de trabalho e de convívio social. Observando a natureza, esta se dá por instinto, é natural, o interessante é que não há nenhuma interferência ou apelo emocional, interesse, sentimentos ou pensamentos. Em nós seres humanos a sintonia é diferenciada, por ser determinada pelas oscilações, expectativas, que criamos ao nosso redor, por meio das nossas necessidades mais íntimas, de muitas vezes desejar que as coisas saiam do nosso jeito, criando esperança através dos nossos pensamentos e sentimentos.

Talvez, um dos caminhos está em exercitar o pensar e sentir, o colocar-se no lugar do outro, a busca constante em controlar os seus pensamentos e sentimentos, buscando a sintonia com o outro, construindo uma atmosfera harmônica, tornando a relação mais doce e saudável, experimente e verá o mundo melhor.

PACIÊNCIA

“Ruim a sensação de dependência, mas com o exercício da paciência criou-se a solidariedade, um passo a preocupar-se com o outro e ajudar no que precisa”.





Esta é uma atitude virtuosa do ser humano. Manter o equilíbrio e o controle emocional nos leva a tolerância. Quando a exercitamos abrimos caminho a suportar situações de desconforto, de verdadeiros incômodos, aprendendo a lidar com dificuldades de toda ordem – é característica de pessoas sábias. É desenvolver a capacidade de persistir em meio às dificuldades e diversidades, sabendo sempre do seu objetivo – do objetivo comum, é preciso ser perseverante, esperar o momento certo, de aguardar para se encontrar a paz e a compreensão, é desenvolver a capacidade de ouvir, de ter atenção ao outro nos mínimos detalhes e aos poucos se libertar da ansiedade e de possíveis tensões que podem gerar dor.

UNIÃO

“Estando juntos, apesar das dificuldades, consegue-se melhorar”.

Para nós a UNIÃO torna o sentido de ligação mais forte, é a combinação de esforços, pensamentos, emoções e sentimentos para a produção do bem comum. Existe uma “dependência” do outro, por exemplo, a junção dos órgãos do corpo humano forma a mais perfeita estrutura – a ligação entre e dependência os torna eficientes, o casamento além de representar a união entre duas pessoas, os torna cúmplices para que possam viver melhor.

CONHECER O OUTRO

“Foi preciso exercitar a reciprocidade para adivinhar/lembrar o que o outro queria ou gosta, mas com o

tempo passa-se a conhecer melhor o outro. Dúvida se iria acertar”.

Para reconhecer o outro é necessário conectar-se com a sua forma de pensar, lembrar do seu agir, dos seus hábitos, valores, virtudes e costumes (cultura), estes provocam os sentimentos, promovem a unidade. Conhecendo e exercitando cria laços que aproxima, isso não implica em saber quem está à frente, não é uma competição. Não se conhece uma pessoa em horas, dias, não é de imediato, demanda amadurecimento, observação, convivência. Ao longo da caminhada vão se firmando raízes que observadas a partir da compreensão da forma de pensar, sentir, amar, possibilita o estreitamento dos sentimentos, comportamentos, das emoções e da boa convivência.

PROXIMIDADE

“Apesar de amarrados sentiram-se mais próximos e souberam o que cada um gostaria de comer. A dinâmica mexe com a individualidade do outro, houve atrito no início por pequenas coisas. Não basta estar próximos, mas unidos. Foi um momento que se criou mais proximidade com o outro, na situação em que estão vivendo”.

Podemos comparar a proximidade de como estes modernos sensores presentes em estacionamentos, portas automáticas, sistemas de segurança e smartphones, entre outros equipamentos, os sensores de proximidade são dispositivos que identificam a presença e a distância de um objeto nos arredores sem a necessidade de contato direto e



acionam um circuito elétrico que ativa um mecanismo – um alarme sonoro, o movimento de uma porta ou o display de um celular, por exemplo.

Logo deveríamos exercitar a nossa capacidade multissensorial, digo (sensações – sistema nervoso central – respostas adaptativas), estas estimulam os sistemas sensoriais básicos no corpo humano. Assim seremos capazes de criar uma atmosfera agradável, ter oportunidade de escolhas – “viver em paz”. Exercita-se o direito a dispor de tempo, estar presente e atento ao outro independente do momento em que se esta vivendo, é viver com o sinal de alerta ligado no outro o tempo todo.

SOLIDARIEDADE

“Colaborar para que a vida do outro seja mais fácil, se um dia houver necessidade de ajuda. Saber que um completa o outro, que diante da necessidade um precisa ajudar o outro. Saber ter paciência. Precisa saber o que o outro gosta para poder agir melhor e ter um melhor sincronismo mutuo. Gentileza, será que vou agradecer? Teve de ceder para ser gentil. Souberam esperar a hora do outro. Reviveram um momento em que experimentaram de precisar da ajuda do outro. Na dificuldade, tornaram-se mais solidários, preocupados um com o outro”.

Este é, sobretudo um ato de amor, um ato de bondade para com o próximo, um sentimento que demonstra comprometimento, é uma adesão aos encantos, interesses ou propósitos

entre o casal, entre pessoas membros de um grupo. **Ser solidário** é: partilhar; perceber as diferenças, acreditar que é possível mudar o que está errado; é ser maior que o coração; dar com alegria; dizer não ao egoísmo em que vivemos; dizer não à miséria a injustiça social que nos oprime; dar com afeto; ser companheiro – fazer companhia quando perceber que o outro está na solidão; ser amigo.

“A verdadeira solidariedade começa onde não se espera nada em troca”. Saint Exupery

CONCLUINDO

O casamento, enquanto estado, é uma comunhão plena de vida. Ou seja: é um constante viver de cada cônjuge, não só **com o outro**, mas **para o outro**; enriquecendo e afirmando cada uma das pessoas.

O ser estabelece, pois, pontes com os outros. Esta abertura verifica-se ser constitutiva do próprio ser, num círculo de êxodo e regresso a si mesmo que constitui a vida pessoal. A vida de uma pessoa é **para os outros**: amar, para ser amado; dar, para receber; comunicar para humanizar; transmitir para conhecer. A comunicação, “o ser para”, é a própria vida do ser pessoal. Sem comunicação com os outros, a “humanização” é barbárie. Quando a comunicação se interrompe, sobrevém a morte. O ser **para os outros** não é um mais que se junta à pessoa humana; é constitutivo desta.

Finalmente, o **ser com os outros** exprime a realização plena da



personalidade através da solidariedade plena com os outros. A comunicação leva a ter uma relação de reciprocidade total que se torna em plena solidariedade.

O matrimônio-comunhão de vida está no oposto do egoísmo. Cada um dos cônjuges dá-se inteiramente ao outro para receber este; dá-se, para receber; quer deixar de ser (só) um para assegurar a ser dois em um. Fusão impossível. Assim, cada um, ao retirar-se dessa ânsia de fusão sempre renovada, verifica que trouxe o melhor do outro, humanizando-se mais. (Deveres dos conjugues).

AGRADECIMENTO

Fica o agradecimento, estou aqui para agradecer a vocês, irmãos MFCistas de São Mateus, em espe-

cial ao Casal Carlos Arthur e Jaciara, pela simpatia, dedicação e amor, por lembrar-se de nós. Fica cravado em nós a dedicação e fidelidade, a gentileza na troca de informações, as gargalhadas, a confiança e por nos massagear todos os dias enviando mensagens diárias tão lindas e edificantes que tocam profundamente os nossos corações (meu, de Rosana e de Chica).

Diz um adágio popular que “tudo que é bom, dura pouco”, parafraseando digo que: “tudo que é bom dura o tempo suficiente para se tornar inesquecível”, e assim vocês se tornaram eternos, inesquecíveis.

Obrigado, muito obrigado MFC ES – São Mateus.

Rubens Carvalho

Honrosa exceção

Não é praxe nessa publicação a divulgação de eventos sociais, mesmo porque dada à periodicidade da Revista os acontecimentos nem sempre coincidem com nossas edições.

Ao fecharmos o presente número entretanto fomos informados de que o casal mefecista Guilhermina e Carlos Nascimento, muito querido e conhecido em todo o Brasil, estaria completando, no corrente mês, sua Boda de Diamantes.

Nesses longos anos de vida matrimonial, Guilhermina e Carlos muito contribuíram para o crescimento do MFC e da Revista na Bahia e no Brasil, o que justifica a abertura desse espaço para saudá-los.

Matrimônios duradouros e exemplares como esse e tantos outros nos provam e fortalecem a fé de que **“vale a pena viver o amor - o casamento”**.

Os Editores.





É inadmissível que exista ser humano que passe fome

Flávio Giovanelli



No Dia Internacional dos Direitos Humanos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Cáritas Brasileira lançaram a campanha mundial contra a fome, a pobreza e as desigualdades. Com o tema “Uma família humana, pão e justiça para todas as pessoas”, queremos sensibilizar e mobilizar a sociedade sobre essas realidades responsáveis por grandes mazelas no mundo e no Brasil.

A campanha faz parte de uma mobilização mundial da Caritas Internationalis, que articulou as 164 organizações membro para esse grande movimento em favor da vida, dos direitos humanos e da justiça social.

O papa Francisco, em sua primeira exortação apostólica, chamou a atenção ao dizer que “não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isso é desigualdade social. Assim como o mandamento ‘não matar’ põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana,

também hoje devemos dizer não a uma economia da exclusão e da desigualdade social”. Esta economia mata. Dessa forma, o Santo Padre reafirma a opção da Igreja pelos empobrecidos e a urgente necessidade de pararmos e prestarmos atenção à realidade que está em nossa volta.

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) diz que, **hoje, 842 milhões de pessoas sofrem com a fome no mundo, ou seja, um em cada oito seres humanos não tem acesso a uma alimentação adequada e de qualidade.**



O Relatório da Riqueza Global, lançado este ano pelo banco suíço CreditSuisse, afirma que, se a riqueza produzida no mundo em 2013, que foi de US\$ 241 trilhões, fosse distribuída em partes iguais entre as pessoas adultas do planeta, cada um iria receber US\$ 56.600. Não podemos mais admitir esses dados: **os 10% mais ricos controlam 86% da riqueza global, enquanto apenas 32 milhões de adultos, em um mundo com 7 bilhões de habitantes, possuem 41% da riqueza mundial. Além disso, dois terços dos adultos da humanidade - 3,2 bilhões - só conseguem dividir 3% da riqueza mundial.**

O Brasil, como muito se tem divulgado, é a sexta economia mais rica do mundo, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas 57 milhões de pessoas vivem em estado de pobreza, ou seja, sobrevivem com meio salário mínimo. **Mesmo com programas de distribuição de renda promovidos pelo governo federal, como o Bolsa Família, 20% dos mais ricos ainda detém 63,8% da renda nacional, enquanto os 20% mais pobres acessam apenas 2,5% de toda a riqueza que é produzida pelo país.** O “Atlas de Exclusão Social: os ricos no Brasil” mostra que o país tem mais de 51 milhões de famílias, mas so-

mente 5 mil apropriam-se de 45% de toda a riqueza e renda nacional.

É fato que o Brasil tirou milhões de brasileiros da extrema pobreza, mas em que condições? É aceitável definir a pobreza a partir de uma quantidade de dólares ou reais por dia? Trata-se da superação efetiva das necessidades básicas ou apenas evitar a morte pela fome? **A produção agropecuária mundial pode garantir alimentação para 12 bilhões de seres humanos. Como somos pouco mais de 7 bilhões, há evidente desperdício e impedimento de que muitos tenham acesso aos alimentos.** Vivemos em um país que teima em fazer reforma agrária ao inverso: aumenta a quantidade de terra sob controle de uma minoria e diminui a destinada aos pequenos proprietários, que são produtores de mais de 70% dos alimentos da nossa população.

A campanha mundial contra a fome e a pobreza, no Brasil, vai promover processo de escuta e diálogo com os grupos, comunidades e paróquias, com o intuito de identificar como os próprios empobrecidos enxergam a questão da pobreza e da miséria no país.

Não vamos retratar a fome, a pobreza e a miséria apenas





como números que colocam o ser humano em uma condição de estatística. Vamos retratar a verdadeira face dessa realidade e quem nos contará essa história serão os próprios rostos da pobreza, da fome e da miséria no Brasil. A expectativa é que, em setembro de 2014, um documento sistematizado com o resultado de todos esses diálogos seja lançado para a sociedade brasileira.

Alimentados e animados pela frase do nosso grande mestre fundador, dom Helder Câmara, que nos ilumina dizendo que “o verdadeiro cristianismo rejeita a ideia de que uns nascem pobres e outros ricos”, vamos alicerçados na esperança e na confiança do Santo Padre, o papa Francisco, seguindo a nossa missão.

*Flávio Giovanelli é Bispo de Santarém
e presidente da Cáritas Brasileira*

Cada família do MFC

Assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.

Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Tel/Fax: (32)3214-2952
- de 13:00 às 17:00 -
livraria.mfc@gmail.com

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO

Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520



Em tom de ORAÇÃO

Déa Januzzi*

Ah, Senhor, livrai as mãos de todas as culpas. Culpa de exagerar na dose do amor. Culpa de falhar, de não cumprir com a tarefa de educar. Ah, Senhor, livrai as mãos do mal, de não *corresponder* às expectativas do filho. De não saber o que se passa na cabeça e no coração do filho, de querer adivinhar os seus pensamentos. De provar o fel amargo da tristeza de um filho. De não saber tirá-lo das tentações, das encruzilhadas, de não ser onipotente, onisciente e toda-poderosa. Senhor, livrai as mãos das artimanhas do medo. Fazei, Senhor, que tenham coragem para enfrentar os caprichos desta vida.

Tem dias, Senhor, que não é fácil ser mãe. Se você protege demais está deseducando. Se você fala uma coisa e faz outra, está dando mau exemplo. Se você fuma, seu filho, com certeza, vai fumar. Se você toma cerveja, seu filho também tomará. Se você ingere para aplacar a angústia, está conduzindo o filho para o mesmo caminho. É como se as mães fossem culpadas pelo jeito de ser do



filho, pelo molde do caráter, pelo formato da personalidade, pela existência das drogas e da violência. Se o filho é bravo demais, a mãe não soube dar um basta. Se o filho é manso, ela sufocou.

Ah, Senhor, uns gritam: "Ponha limites no seu filho", porque senão você não vai aguentar. Um dia, ele bate em você. Outros bradam "Arranje um trabalho, porque ele está muito ocioso". Ah, eu queria saber, Senhor, se tem uma receita para criar filho. Se tem ingredientes e modo de fazer, se tem de exagerar na dose ou raciocinar. Se existe uma fórmula para criar filhos, como a dos bolos, com confeitos e cobertura.

Aprendi, Senhor, que filho dá problema mesmo, mas só o afeto pode salvar, pode recuperar. Não existe centro de internação, regra, cadeia, polícia, repressão, surra, capaz de recuperar um filho. Será que estou enganada, Senhor? Pois



aprendi que um filho que recebe afeto, retribuirá em dobro.

Mas tem dias, Senhor, que tudo parece perdido, que as conversas viram brigas, que a esperança se transforma em pesadelo, que a paciência é irmã da ira, que a vida parece não ter mais chance. Tem dias, Senhor, que as sombras tomam lugar da luz, que a poesia vira fumaça, que as lágrimas chegam sem avisar e lavam o corpo todo como água benta.

Tem dias, Senhor, que as mães deveriam deixar de ser mães. Trocar de lugar com os pais, que têm uma visão menos emocional do mundo. Tem dias, Senhor, que tudo fica pesado como uma cruz. Eu queria avisar, Senhor, que as mães também se sentem frágeis. Que as mães também querem colo.

Perdoai, Senhor, as mães que não souberam educar direito, que permitiram demais, que cederam, que foram muito liberais, que anunciaram um mundo que não existe, que foram profetas de uma vida melhor, apesar de tudo dizer o contrário.

Perdoai, Senhor, as mães que não souberam corrigir na hora certa, que não souberam dar limites, que foram permissivas demais, em nome de um amor in-

condicional. Perdoai, Senhor, as mães que não fizeram da vida dos filhos um paraíso eterno, que preencheram seus vazios, que não deixaram faltar nada. Perdoai, Senhor, as mães que acharam que tudo era normal, que ia passar, que era próprio da idade e da adolescência, que não selecionaram os amigos do filho, que não souberam expulsar os inimigos interiores, que não avisaram aos filhos que a vida pode ser cruel.

Perdoai, Senhor, as mães que não souberam conduzir os filhos pelos caminhos da fé e da religiosidade. Perdoai, Senhor, as mães que ficaram rezando nas igrejas, dia e noite. Perdoai, Senhor, as mães tiveram de lutar para criar seus filhos, que tiveram de carregar pedras em lugar de flores. Livrai, Senhor, as mães do medo, da dor e da aflição. Perdoai, Senhor, as mães que são amigas demais dos filhos, as que pensaram que assim seria melhor, que abriram portas demais. Perdoai, Senhor, as mães que pensaram em sofrer no lugar dos filhos. Que colocaram panos quentes nas falhas dos filhos. Perdoai, Senhor, as mães que nunca expulsaram seus filhos do paraíso.

** Déa Januzzi é cronista do Jornal Estado de Minas. Crônica transcrita do livro "Coração de Mãe".*



EPIDEMIA DE CRACK E A B A N D O N O

*Osmar Terra**

Dados do Mapa da Violência 2014 e de pesquisa do Conselho Nacional do Ministério Público, apresentados em primeira mão pelo GLOBO de 24 de fevereiro, identificam que as drogas são a maior causa do abandono de crianças e adolescentes no País. A pesquisa mostra que 80% dos 46 mil casos de encaminhamento de crianças e adolescentes para instituições de acolhimento estão relacionados ao uso de drogas pelos pais.

O texto destaca o crack como fonte de discriminação dessas crianças posteriormente, quando podem vir a ser adotadas, pois se teme que sejam problemáticas em decorrência do consumo da pedra pelos pais. Em minha proposição original para o projeto de lei de drogas, indiquei a importância de diferenciar as medidas legais quando, Se trata do consumo de crack do de outras drogas. Infelizmente, isso se modificou no de-

correr da tramitação do projeto de lei. Mas vemos que a pesquisa registra que o abandono de crianças triplicou nos últimos anos e está relacionado à epidemia do crack, que pode nos levar a uma epidemia de abandono.

Trata-se da constatação de calamidade pública quando se tem noção da repercussão do abandono. Se compreendermos a importância dos vínculos familiares para a saúde mental e social, quanto





mais nas fases iniciais do desenvolvimento humano, podemos ter noção do risco em que se encontram crianças e adolescentes privadas das condições para um desenvolvimento saudável.

Quisera que todo o debate de contestação da internação involuntária para tratamento da dependência química, que se organiza no novo projeto de lei de drogas e se limita a no máximo 90 dias, se voltasse para a problemática da “internação involuntária” a que são submetidas as 46 mil crianças e adolescentes que começam a ganhar voz a partir de pesquisas como essa. Por lei, as crianças deveriam ficar institucionalizadas por no máximo dois anos – o que já é um tempo incrível para o que significa cada dia no desenvolvimento infantil. Na prática, esse prazo ultrapassa os dois anos. Não raro, há crianças e adolescentes que permanecem institucionalizados até os 18 anos e depois... O ciclo de abandono se reproduz na sociedade.

Crianças e adolescentes também são cidadãos desde a concepção, e é imperativo que as políticas públicas protejam seu direito à convivência familiar e comunitária

Se, por um lado, a preocupação com os índices de aumento da criminalidade que se manifesta por

meio da violência física e material é crescente, também temos que olhar com mais atenção para a violência psicológica e silenciosa que está se revelando nas pesquisas. Nossas crianças e adolescentes também são cidadãos desde a concepção, e é imperativo que as políticas públicas protejam seu direito à convivência familiar e comunitária e o direito a um desenvolvimento humano pleno, que não requeira depois a defesa do direito a usar drogas como um remédio para os sintomas da exclusão social que pode ser prevenida.

Trabalho com essa consciência, desde quando era secretário de Saúde no Rio Grande do Sul, criando políticas públicas para a promoção do desenvolvimento humano e a prevenção da violência, especialmente por meio do programa Primeira Infância Melhor, reconhecido internacionalmente. No Legislativo, protagonizei a criação da Frente Parlamentar da Primeira Infância, que já possibilitou a 23 parlamentares se especializarem no tema, em curso envolvendo a Universidade de Harvard, a USP e a PUC-RS. Nessa trajetória, em 18 de dezembro de 2013, apresentamos um projeto de lei que pode modificar o cenário preocupante de abandono da infância e pode ir à raiz dos problemas sociais do Brasil (PL 6.998/2013).





Estamos prestes a instalar a Comissão Especial da Primeira Infância, para trabalhar o marco legal da primeira infância e promover o cuidado integral desde o nascimento. Isso envolve também apoiar as famílias e os profissionais que se dedicam ao cuidado das pessoas.

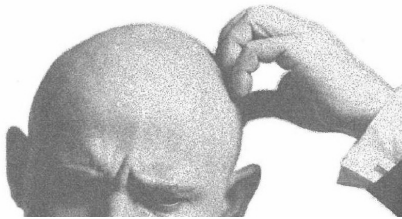
Se as drogas são a principal causa do abandono, o abandono pode ser a principal causa de todos os problemas que ameaçam

nossa sociedade. Então vamos trabalhar para acolher e cuidar de cada cidadão, no período mais recomendado em termos de saúde e cidadania, inclusive em termos de investimento econômico. Podemos mudar o cenário de abandono, também aquele feito pelo Estado.

**Osmar Terra é deputado federal (PMDB-RS)*

Transcrito de "O Globo"

Coisas das quais nunca nos lembramos:



Os Sete Pecados Capitais:

Gula
Avareza
Soberba
Luxúria
Preguiça
Ira
Inveja.

Os Doze Apóstolos:

- 1 - Simão Pedro;
- 2 - Tiago (o maior);
- 3 - João;
- 4 - Filipe;
- 5 - Bartolomeu;
- 6 - Mateus;
- 7 - Tiago (o menor);
- 8 - Simão;
- 9 - Judas Tadeu;
- 10 - Judas Iscariotes;
- 11 - André e
- 12 - Tomé.

Após a traição de Judas Iscariotes, os outros onze apóstolos elegeram Matias para ocupar o seu lugar.



Nenhuma sociedade no passado ou no presente vive sem uma ética. Como seres sociais, precisamos elaborar certos consensos, coibir certas ações e criar projetos coletivos que dão sentido e rumo à história. Hoje, devido ao fato da globalização, constata-se o encontro de muitos projetos éticos nem todos compatíveis entre si. Face à nova era da humanidade, agora mundializada, sente-se a urgência de um patamar ético mínimo que possa ganhar o consentimento de todos e assim viabilizar a convivência dos povos. Vejamos, sucintamente, como na história se formularam as éticas.



*Leonardo Boff **

Uma permanente fonte de ética são as religiões. Estas animam valores, ditam comportamentos e dão significado à vida de grande parte da humanidade que, a despeito do processo de secularização, se rege pela cosmovisão religiosa. Como as religiões são muitas e diferentes, variam também as normas éticas. Dificilmente se pode fundar um consenso ético, baseado somente no fator religioso. Qual religião tomar como referência? A ética fundada na religião possui, entretanto, um valor inestimável por referi-la a um último fundamento que é o Absoluto.

A segunda fonte é a razão. Foi mérito dos filósofos gregos terem construído uma arquitetônica ética fundada em algo universal, exatamente na razão, presente em todos os seres humanos. As normas que regem a vida pessoal chamaram de ética e as que presidem a vida social chamaram de política. Por isso, para eles, política é sempre ética. Não existe, como entre nós, política sem ética.

Esta ética racional é irrenunciável mas não recobre toda a vida humana, pois existem outras dimensões que estão aquém da razão como a vida afetiva ou além como a estética e a experiência espiritual.



A terceira fonte é o desejo. Somos seres, por essência, desejantes. O desejo possui uma estrutura infinita. Não conhece limites e é indefinido por ser naturalmente difuso. Cabe ao ser humano dar-lhe forma. Na maneira de realizar, limitar e direcionar o desejo, surgem normas e valores. A ética do desejo se casa perfeitamente com a cultura moderna que surgiu do desejo de conquistar o mundo. Ela ganhou uma forma particular no capitalismo no seu afã de realizar todos os desejos. E o faz excitando de forma exacerbada todos os desejos. Pertence à felicidade, a realização de desejos mas, atualmente, sem freios e controles, pode pôr em risco a espécie e devastar o planeta. Precisamos incorporá-la em algo mais fundamental.

A quarta fonte é o cuidado, fundado na razão sensível e na sua expressão racional, a responsabilidade. O cuidado está ligado essencialmente à vida, pois esta, sem o cuidado, não persiste. Dai haver uma tradição filosófica que nos vem da antiguidade (a fábula-mito 220 de Higino) que define o ser humano como essencialmente um ser de cuidado. A ética do cuidado protege, potencia, preserva, cura

e previne. Por sua natureza não é agressiva e quando intervém na realidade o faz tomando em consideração as consequências benéficas ou maléficas da intervenção. Vale dizer, se responsabiliza por todas as ações humanas. Cuidado e responsabilidade andam sempre juntos.

Essa ética é hoje imperativa. O planeta, a natureza, a humanidade, os povos, o mundo da vida (Lebenswelt) estão demandando cuidado e responsabilidade. Se não transformarmos estas atitudes em valores normativos dificilmente evitaremos catástrofes em todos os níveis. Os problemas do aquecimento global e o complexo das várias crises, só serão equacionados no espírito de uma ética do cuidado e da responsabilidade coletiva. É a ética da nova era.

A ética do cuidado não invalida as demais éticas mas as obriga a servir à causa maior que é a salvaguarda da vida e a preservação da Casa Comum para que continue habitável.

** Leonardo Boff Teólogo, filósofo e escritor. Autor de Saber cuidar. Ética do humano, compaixão pela Terra, Vozes. Publicado em ADITAL.*





Geração Nem-Nem

+ uma bomba-relógio

Luiz Flávio Gomes

Quase 10 milhões de jovens brasileiros (15 a 29 anos) no Brasil não trabalham nem estudam. É um exército de reserva que pode ser manobrado para o bem ou para o mal. A classe dominante brasileira sempre teve medo de uma rebelião dos escravos (Darcy Ribeiro). Mas são os antagonismos sociais (desigualdades) do nosso capitalismo selvagem e extrativista que podem um dia explodir por meio de uma violência coletiva devastadora. O IBGE (na Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio de 2012) apontou que os jovens que não trabalhavam nem frequentavam a escola, os chamados de “nem-nem”, representavam 19,6%. Isso significa 9,6 milhões de jovens, de uma população estimada para o período de 48, 8 milhões de jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos.

O problema, aliás, é mundial. O relatório Tendências Mundiais de Emprego 2014 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostra que o desemprego entre os jovens continua aumentando. Em 2013, 73,4 milhões de pessoas entre 15 e 24 anos estavam sem trabalho – quase 1 milhão a mais do que no ano anterior. Isso representa uma taxa de desemprego juvenil de 12,6 %, mais do que o dobro da taxa de desemprego geral de 6,1%. A pesquisa revelou que o número de jovens que não trabalham nem estudam cresceu em 30 dos 40 países pesquisados. Em 2013, 1 milhão de jovens perderam seus trabalhos.

Boa parcela desses milhões de jovens que não estudam nem trabalham conta, no entanto, com estrutura familiar (é o grupo Nem-



Nem acolchoado). O restante é desfamiliarizado (não tem uma constituição familiar sólida nem amparo social, como é corrente nos países de capitalismo selvagem e/ou concentrador: Brasil, EUA etc., que nada têm a ver com os países de capitalismo evoluído e distributivo, civilizados, como Dinamarca, Noruega, Japão, Alemanha, Islândia etc.).

Esse grupo desfamiliarizado (Nem-Nem+), nos países de capitalismo selvagem e extrativista, é uma verdadeira bomba-relógio, em termos sociais, de potencial criminalidade e de violência. Por quê? Porque os fatores negativos começam a se somar (não estuda, não trabalha, não procura emprego, não tem família, não tem projeto de vida...). Se a isso se juntam más companhias, uso de drogas, convites do crime organizado, intensa propaganda para o consumismo, famílias desestruturadas etc., dificilmente esse jovem escapa da criminalidade (consoante a teoria multifatorial da origem do delito). Milhões de jovens, teoricamente, estão na fila da criminalidade (e nossa indiferença her-

mética não se altera um milímetro com tudo isso).

Diferentemente dos países civilizados de capitalismo evoluído e distributivo (que teriam todos esses jovens dentro da escola), nosso capitalismo bárbaro não se distingue pela educação de qualidade para todos, pelo ensino da ética, pelo império da lei e do devido processo e pela alta renda per capita. O Brasil, aliás, ocupa a vergonhosa 85ª posição no ranking mundial do IDH (índice de desenvolvimento humano). Estamos vivendo uma grave crise intergeracional. A cada dia é “roubado” o futuro de uma grande parcela das gerações mais jovens. Quando as esperanças desaparecerem completamente, o risco é de eclosão de uma grande explosão local e/ou mundial de violência.

Luiz Flávio Gomes é Jurista e professor. Fundador da Rede de Ensino LFC. Diretor-presidente do Instituto Avante Brasil. Foi Promotor de Justiça (1980 a 1983).

**Colaborou Flávia Mestriner Botelho, socióloga e pesquisadora do Instituto Avante Brasil.*

“Toda situação de completo despojamento faz-nos sentir mais livres”

Frei Betto





Golpe e revolução

Geraldo Ribeiro de Sá

Há uma discussão, iniciada em 1964, cujo aniversário de 50 anos ocorreu no dia 31 de março. O debate iniciou entre os “românticos” e os “paranoicos”, conforme o entrevistado pela Tribuna (19/03/2014), referindo-se às lideranças de esquerda e direita daquele ano. Os “românticos” foram os entusiasmados com os ideais de igualdade e de justiça social, motivados pela Revolução Russa, de 1917, inspiradora de muitos outros regimes políticos, inclusive o instalado em Cuba a partir de 1959. Os “paranoicos” foram os defensores do movimento civil e militar, porque estavam temerosos do possível comunismo a ser introduzido pelas reformas de base anunciadas por João Goulart (1961-1964).

Os “paranoicos” se autodenominavam revolucionários e classificavam os “românticos” como comunistas e subversivos. Os “românticos” se autodenominavam democratas e enquadravam os “paranoicos” como golpistas. Nesses 50 anos, fatos importantes aconteceram, como a redemocratização do país, iniciada em 1985, consolidada pela Constituição Federal de 1988 e o fim da União Soviética, símbolo da ameaça comunista. Como resultado desses acontecimentos, dentre outros, os “românticos” e os “paranoicos”, se ainda existirem, são minorias numéricas e já renunciaram às suas convicções radicais. Todos se converteram à democracia.

Hoje, confirma-se, segundo a maioria, que há 50 anos aconte-





ceu, sem dúvida, um golpe de estado liderado por militares e civis, O presidente eleito democraticamente foi derrubado do poder, havendo assim um rompimento dos parâmetros legais. Rasgou-se a Constituição Federal de 1946, para se impedirem mudanças políticas e sociais, principalmente.

Por sua vez, pode-se afirmar, conforme outros, que, após o golpe civil e militar, foi-se desenvolvendo também um processo revolucionário, incomparavelmente menos radical e violento do que a Revolução Francesa (1789), a Revolução Russa (1917). e menos ainda do que a revolução liderada por Getúlio Vargas (1930). Não se golpeou ou se abateu apenas o Governo Goulart, feriu-se também a ordem jurídica vigente. Nos primeiros dias de abril de

1964, o Poder Executivo, chefiado pelo Marechal Castelo Branco, iniciou a legislação excepcional, através de Atos Institucionais, chegando a um total de 17, em 1969. Em 1967, o Congresso Nacional decretou e sancionou uma nova carta. Essa constituição sofreu a Emenda nº 1, era 1969, denominada por muitos uma 2^{ta} Constituição, a qual vigorou, com muitas alterações, até 1988.

Espera-se que a sociedade brasileira não padeça jamais dos traumas produzidos por golpes ou revoluções, mas que prevaleça a evolução, ou seja, que o Estado vá se adaptando constantemente às novas condições da vida social.

Geraldo Ribeiro de Sá
Professor de Sociologia

Transcrito da "Tribuna de Minas"

Diária Reflexão

***O segredo da eterna juventude da alma é
ter uma causa a que dedicar a vida.***

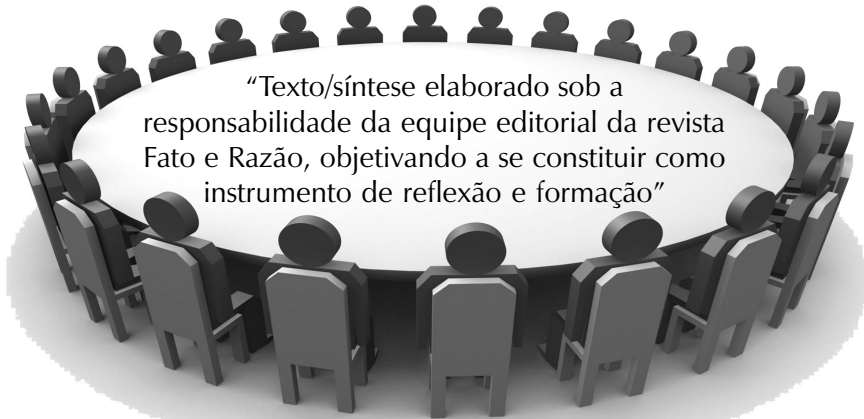
Hélder Câmara

***O ser humano morre uma primeira vez na idade
em que perde o entusiasmo.***

Balzac



GRUPOS DE RUA: ESPAÇO PARA O EXERCÍCIO DE COLEGIALIDADE



Pensar sobre a solidariedade, fé, caridade, harmonia, amor e esperança de paz é, sem dúvida, ter como objeto de reflexão os GRUPOS DE RUA, ambiente propício para a construção de Igreja Doméstica.

De acordo com o Padre Manoel Godoy, é grande a contribuição do Concílio Vaticano II sobre o tema, um caminho de renovação eclesial e paroquial na medida em que estimula a multiplicação dos pequenos grupos de cristãos em torno da palavra de Deus.

Neste sentido, a *Lúmen Gentium* é o único documento conciliar cujo anexo não foi votado pelos bispos, entrando em vigor só com a assinatura do secretário-geral do Concílio.

Após a realização deste conclave, as formas colegiadas de ação foram estimuladas por muitas experiências de grande significado. Padre Manoel Godoy destaca que: - As conferências episcopais ganharam força; - os conselhos em âmbito diocesano, paroquial e comunitário cresceram em importância; - o povo começou a se sentir verdadeiramente Igreja saindo da passividade; - as campanhas da fraternidade passam a centrar seus temas no sentido comunitário da Igreja: 1964 - você também é Igreja; 1965 - Faça da sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amos; 1966 - Reavivar nos fieis a consciência corpo de Deus, co-responsáveis por toda a comunidade eclesial e chamados a servir a todos os homens, especialmente os pobres.





Segundo Padre Godoy, durante a década de 1970 a Igreja no Brasil promoveu uma grande proliferação, a maior na história, de comunidades eclesiais de base. Abandonando a mania de grandes construções, passou a fomentar a multiplicação de centros comunitários. Esta metodologia fomentou o surgimento de inúmeras lideranças leigas para a Igreja e para a construção de uma nova sociedade. Nesta linha ocorre a experiência concreta de colegialidade.

- Nasceram os ciclos bíblicos; surgiram os grupos de reflexão em ruas, quarteirões bairros; Na ótica da equipe editorial de F&R, cresce a importância do Movimento Familiar Cristão, fortalecendo sua ação missionária, evangelizadora e salvífica.

Nestes espaços ganha importância a FRATERNIDADE e a CORRESPONSABILIDADE de ser Igreja já que A COLEGIALIDADE É A REUNIÃO DE PARES PARA A TOMADA DE DECISÕES COM IGUAL PESO DOS VOTANTES.

Nesta situação, o clero assegura o poder de veto, mas a vida nas comunidades não gira só em torno disso. ASSIM, A COLEGIALIDADE PASSA A GANHAR, CADA VEZ MAIS, IMPORTÂNCIA, PLANTADA EM “TERRENO FERTIL”.

Logo, ataques a esta experiências surgiram, sendo visível a percepção de que desta forma surgiria uma nova Igreja mais justa fraterna humana, descentralizada e menos burocrática.

Esses movimentos de reação à nova proposta passaram a cultivar, com firmeza, a centralização do poder eclesial, funcionando como verdadeiros braços do papa em todo o mundo. Segundo Padre Manoel Godoy, a OPUS DEI pode ser lembrada como exemplo.

Porém, na América latina e, sobretudo no Brasil, as paróquias estavam se abrindo para as experiências de comunidades e grupos de reflexão, fortalecendo o apreço por PUEBLA.

Os teólogos que investiram nesta eclesiologia foram perseguidos, assim como os que aderiram a teologia da libertação e apoiavam a vivência das CEBs.

Neste momento, duas entidades paralelas passam a existir em relação ao governo da Igreja, ou seja: -A autoridade hierárquica divinamente instituída. – Autoridade “revolucionária e democrática”, uma criação humana que se torna realidade desde o Vaticano II, onde o colégio episcopal também passa a ter autoridade para governar toda a Igreja.



Segundo Padre Godoy, aí está a riqueza da colegialidade. Ela quebra o poder monárquico e faz valer a voz de todos os batizados nas diversas esferas eclesiais, resgatando a forma genuína do evangelho, onde JESUS DEIXA CLARO QUE A “ÚNICA HIERARQUIA QUE DEVE HAVER ENTRE IRMÃOS É O SERVIÇO.

QUESTÃO REFLEXIVA.

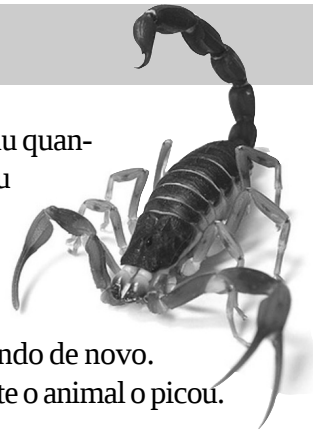
Considerando o contexto aqui descrito, O QUE É SER IGREJA PARA VOCÊ? – O QUE JUSTIFICA SUA OPINIÃO? – Sua ação é coerente com sua opinião? – Qual deve ser a atitude do POVO DE DEUS?

*INSPIRAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: Godoy, Padre Manoel.
Grupos de rua: Espaço para o exercício da colegialidade na Igreja.
Vida Pastoral; PAULUS, Nº 294.*

O ESCORPIÃO

Um pescador já idoso e curtido pela vida viu quando um escorpião estava se afogando e decidiu tirá-lo da água, mas quando o fez o escorpião o picou.

Pela reação de dor, o velho o soltou e o animal caiu de novo na água. Estava se afogando de novo. O homem tentou tirá-lo novamente e novamente o animal o picou.



Alguém que estava observando se aproximou do velho pescador e lhe disse:

“Desculpe-me, mas você é teimoso! Não entende que todas às vezes que tentar tirá-lo da água ele irá pica-!o?”

Ele respondeu:

“A natureza do escorpião é picar, e isto não vai mudar a minha, que é ajudar”.

Então, com a ajuda de uma folha o pescador tirou o escorpião da água e salvou sua vida.





JESUS VERDADEIRO HOMEM (II)

Helio Amorim

Jesus foi um homem comum, carpinteiro em Nazaré até a vida adulta. Sua divindade esteve oculta, inclusive para ele. Demonstrou sempre a vontade natural e o gosto de viver. Na sua vida pública, fez amigos e amigas, convivia com o povo e tinha uma personalidade cativante. Num primeiro momento se integra ao grupo de seguidores de João Batista. A adesão à proposta e à pregação de João é formalizada pelo batismo, que significa justamente integração a um grupo, ou a uma comunidade. Pouco depois, passa a pregar ele mesmo, a anunciar o Reino, assumindo a sua missão. Vai tomando consciência da sua vocação.

Sua pregação é arrebatadora e muitos o seguem. As exigências da missão que assume não impedem que visite amigos, vá a festas e viva o seu cotidiano normal, animado pelo impulso de socialização, como qualquer pessoa comum.

Jesus desenvolveu uma personalidade firme e assumiu um projeto de vida claro, fruto de reflexão madura e da sua consciência crítica em relação às pressões a que estava sujeito. Construiu uma identidade que não o deixava ceder a pressões. Quando elas se tornavam muito fortes, Jesus se retirava para um lugar deserto, no campo ou na montanha, para refletir e tomar decisões.

O episódio das tentações no deserto ilustra esse aspecto da sua identidade. Com efeito, logo que





Jesus começa a sua vida pública e se apresenta como o messias esperado, afluem as expectativas dos judeus de diferentes grupos sociais e religiosos. O povo, os fariseus, os essênios, os zelotes, os sacerdotes, cada grupo segundo os seus interesses e concepções religiosas ou políticas, esperavam um determinado tipo de messias. Uns queriam aquele que saciaria a fome dos famintos por uma intervenção mágica e poderosa sobre a natureza, transformando pedras em pães. Outros esperavam um rei que os libertasse do jugo político. Outros mais desejavam um enviado com poder divino que viesse com as suas legiões de anjos impor a todos as suas leis e normas religiosas contra os que não a respeitavam.

Certamente, outras concepções de messianismo terão tentado influenciar Jesus. Mas ele reage a essas insinuações ou tentações e se retira para refletir e orar, sozinho, e assim decidir sobre o seu projeto de vida. Contraria quase todos, rechaçando essas pressões e assumindo um messianismo de

serviço, sem poder religioso, político, material ou qualquer outro senão o de suas convicções, sua autoridade moral e sabedoria.

O povo se admira porque “*ele fala com autoridade*”. Não é um repetidor de fórmulas e escritos antigos. Ao contrário. Muitas vezes se refere à lei para modificá-la ou dar-lhe outra interpretação, sempre em vista da humanização. Cita o que está escrito na lei e nas escrituras para acrescentar: “*entretanto eu vos digo*”. Desobedece ostensivamente a leis religiosas rígidas dos judeus, quando elas impedem ou conspiram contra a humanização. Afirma que o sábado foi feito para o homem, para sua humanização, e não o homem para o sábado. O descumprimento da lei é considerado uma ameaça à ordem religiosa estabelecida.

As autoridades religiosas reagem e Jesus passa a ser hostilizado e patrulhado como subversivo. Prenúncio do desfecho cruel. (Continua).

Diária Reflexão

Abrir seu espírito ao mundo...

Abrir seu coração aos outros...

É permanecer jovem, em qualquer idade.

Jacques Sèvre



APARTHEID À BRASILEIRA **Conclusão**

Jakson Ferreira de Alencar, SSP

Dessas matérias emana a concepção dos pobres como um inimigo poderoso, a própria encarnação da violência, denotando um pensamento simplista que reduz a complexidade do problema ao estigmatizar um inimigo a ser segregado e combatido.

Em pesquisa sobre a construção do mito das classes perigosas por parte da mídia impressa e dos discursos sobre segurança pública, Cecília Coimbra (2001) mostrou como esse mito, histórico no país, se calca em teorias supostamente “científicas”, abrangendo desde as racistas até a eugenia, a antropologia criminal (que defende a possibilidade de definir criminosos por meio de características anatômicas) a antropometria (medição de ossos, crânios e cérebros para, comparativamente, provar suposta inferioridade de negros, mulheres e índios). O higienismo chegou ao Brasil no início do século XX, pregando o aperfeiçoamento da raça branca (em um país altamente mes-

tiço que recebeu imigrantes europeus já historicamente miscigenados). Com isso, pretendia-se alcançar “saneamento moral”, evitar a “degenerescência das sociedades modernas”. Em São Paulo foi criado até mesmo um bairro, chamado Higienópolis, com esses ideais. Recentemente, habitantes desse bairro se manifestaram contra a construção de uma estação de metro na sua área, porque, segundo eles, isso levaria “gente diferenciada” para a região.

A tese que iguala pobreza a criminalidade, segundo E. Campos, é “metodologicamente frágil, politicamente reacionária e sociologicamente perversa” (apud LISBOA, 2007, p. 42). A explicação para a violência envolve um complexo conjunto de variáveis e situações, as quais, entrecruzadas, levam à criminalidade violenta. A própria violação da dignidade humana pela miséria já é, intrinsecamente, feroz violência, mais ainda em um país com tantas riquezas. Vemos constantemente, nos noticiários, informações sobre atos de violência pra-



ticados por pessoas de classe alta e média, o que, de maneira simples e óbvia, demonstra não ser a violência ação apenas de pobres. Por exemplo, o tão noticiado Carlinhos Cachoeira, preso sob acusações de corrupção e envolvimento com o crime organizado, mora em um desses condomínios de luxo, considerados ilhas de serenidade, espelhando uma realidade comum a muitos criminosos de “colarinho branco”.

O Estado brasileiro, segundo Whitaker (2011), constituiu, ao longo dos anos, uma máquina bem azeitada para promover a urbanização desigual, o que associa cada vez mais, mesmo que sutilmente, a intolerância à pobreza, constrói uma cidade de muros e alimenta o apartheid urbano. Os muros segmentam a cidade, eliminam a vitalidade das ruas e as matam como espaço de convívio; as áreas verdes públicas são menosprezadas, uma vez que, para quem pode pagar, já há áreas fechadas nos condomínios e clubes; prioriza-se o automóvel – uma das maiores fontes de poluentes – e investem-se enormes somas de recursos públicos em pontes, viadutos e túneis vetados ao transporte público. Os investimentos públicos em infra-estrutura foram claramente concentrados nas áreas de alta renda, capitaneados pelos interesses do mercado imobiliário. A sua ausência em outros lugares das cidades não se deu simplesmente “por causa de alguma ‘in-

capacidade’ dos governantes – como é recorrentemente aventado –, mas sim em razão de uma eficaz política de segregação”. O Estado transforma-se, pelos interesses patrimonialistas das classes dominantes que se apoderam dele, em um não Estado. Esses interesses moldam a máquina estatal a seu serviço e alimentam-se do atraso como alavanca para sua hegemonia (WHITTAKER, 2011, p. 72-75).

Essas formas de segregação em curso na atualidade são definidas pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2006, p. 333-337) como facismo social. Não o mesmo facismo dos anos 1930 e 1940 do século passado. Ao contrário deste, não se trata de um regime estritamente político, mas de um regime social e civilizacional. Em vez de sacrificar a democracia às exigências do capitalismo – promove-a a seu modo, a ponto de não ser necessário – nem sequer conveniente – sacrificar a democracia para promover os interesses do capital. Uma das formas desse fascismo, salientada por Boaventura, é justamente o apartheid social, a segregação social dos excluídos por meio de uma cartografia urbana dividida em zonas “selvagens” e zonas “civilizadas”.

2. Expurgo do outro

Segundo Boaventura, nas zonas consideradas “selvagens”, o Estado e - podemos acrescentar - os sistemas de poder econômico com



prerrogativas de poder estatal ou em convivência com este, por meio de atores sociais poderosos, agem fascistamente, de forma predadora, na coerção e na regulação social, ora suspendendo as leis, ora as usando e suplementando nas partes que lhes convém, para defender seus interesses (SANTOS, 2006, p. 334).

Em direção convergente, o pensador Giorgio Agamben identifica semelhanças entre essas práticas e as de um típico regime de estado de exceção, as quais, inicialmente apresentadas como excepcionais, reservadas a situações limitadas no tempo e no espaço, se tornam regra e passam a ser consideradas normais (AGAMBEN, 2004a, p. 76).

Como tal, a Alemanha nazista foi eleita como o principal parâmetro de comparações para a análise da situação política contemporânea. Não se trata de igualação dos fatos, pois estes são irreduzíveis, porém comparação de princípios alicerces.

Essas formas de poder, estado de exceção e expurgo do outro, verificam-se em regimes constitucionais que celebram os princípios democráticos. É nesse sentido que Agamben sugere a tese de que o estado de exceção já não deve ser compreendido como uma situação extraordinária evocada num momento de emergência, e sim, cada vez mais, como uma técnica de

poder e de governo que, aplicada normalmente à administração da vida, se eleva ao patamar de paradigma de governo nos atuais regimes democráticos.

Agamben identifica duas caracterizações de vida dentro do sistema de estado de exceção permanente: a vida qualificada e a vida nua, esta desprovida de qualquer atributo, potência política e proteção. Tal forma de vida é comparada por ele ao *homo sacer*, figura jurídica do direito romano arcaico que designa aquele que pode ser morto impunemente, sem precisar sequer ser submetido a um ritual de sacrifício. O assassinato dessas formas de vida não representa delito, porque a lei lhe é totalmente indiferente (AGAMBEN, 2004b).

Muitos fatos cotidianos dos tempos atuais podem ser interpretados com o auxílio das teorias mencionadas; citaremos alguns, emblemáticos, verificados recentemente no Brasil. No dia 22 de janeiro de 2012, às 5h30 da manhã de um domingo, a Polícia Militar de São Paulo iniciou o cumprimento de ordem judicial para desocupação do bairro Pinheirinho, situado em São José dos Campos/SP e habitado por cerca de 6 mil pessoas que lá moravam havia quase uma década. A operação interrompeu bruscamente as negociações em curso, que envolviam as partes judiciais, parlamentares, governo do Estado de São Paulo e governo fe-



deral, e desrespeitou um acordo que adiava a reintegração de posse e uma decisão da Justiça Federal contra a desocupação. Para executar tais atos, o governo e a polícia utilizaram termos jurídicos e tiveram respaldo do judiciário estadual. Falava-se em “reintegração de posse”, “defesa da ordem”, recuperar o terreno “invadido”. Entretanto, as justificativas careciam de sustentação, uma vez que a Justiça Federal havia estabelecido maior prazo para analisar a situação.

O terreno pertencia à massa falida da empresa Selecta, propriedade de um mega-especulador financeiro e devedora de elevada soma de impostos ao erário público. Ademais, não havia clareza sobre a propriedade legal do terreno, que deixou de pertencer a um casal de alemães, já falecido, e se tornou posse do megaespeculador mediante o repasse de um terceiro. Com todas essas dúvidas pairando sobre a questão, tendo a possibilidade de desapropriar o terreno, em virtude da dívida acumulada e do benefício a 6 mil pessoas, o poder público estadual e municipal resolveu pegar de surpresa a população do bairro, a qual foi acordada em uma manhã de domingo por um aparato policial e uma violência desproporcionais. Conforme noticiou o jornal O Estado de S. Paulo, em manchete: “Para Polícia Militar, ação foi brilhantemente planejada” e “não foi encontrada resistência”. Para o jornal, “o fator surpresa foi

a razão do sucesso da PM” (23/1/2012). A conduta das autoridades estaduais contrariou princípios básicos, consagrados pela Constituição e pelos direitos humanos, como a função social da propriedade, ao determinar a prevalência de um alegado direito patrimonial sobre as garantias de bem-estar e de sobrevivência digna de 6 mil pessoas. Mesmo assim, tais atitudes foram elogiadas pelo jornal.

Tais práticas de expurgo não são apenas da polícia, mas encontram assento na população, que em boa medida apoia esse tipo de ação. Durante todo o período em que aquelas pessoas viveram em Pinheirinho, conheceram várias formas de discriminação por parte do setor público e da população da cidade, conforme algumas moradoras relatam em entrevistas ao pesquisador Inácio Andrade (2012):

“[...] se não tiver médico num lugar, a gente não pode ir num outro postinho. Nos outros bairros também já não aceitavam o Pinheirinho, quer dizer, tipo assim, uma discriminação, né? A gente sofre este tipo de coisa. [...] E os lugares que a gente vai as pessoas falam: ‘Por que você usa luz assim?’ ‘Por que você usa água assim?’ ‘Por que você está lá naquela terra?’ Eles não entendem a situação da gente” [Cláudia],

“Meus filhos estudam em escola do Estado, porque na da prefeitura





ra não pega. [...] Eles alegaram que a gente não tem uma conta de luz, uma conta de água ou de telefone” [Juliana].

“Eles não pedem para chamar a gente, não olham na cara da gente. Ainda mais quando é de Pinheirinho. Chega no pronto-socorro aqui, os médicos: O que é aquilo, ali? Com aquela cara, olhando. Aí [pergunta]: ‘Onde você mora?’ [resposta:] ‘Pinheirinho’. Aí que demora mesmo!” [Raquel].

Salta aos olhos o surpreendente rigor do governo em acionar a polícia e invadir a favela e nas ações contra movimentos que lutam pelo direito à moradia. A mesma energia não é mostrada contra ocupações bem menos legítimas, perpetradas por setores de alta renda. É sabido, por exemplo, que ampla faixa de área pública do parque do Ibirapuera em São Paulo, ao longo da Avenida República do Líbano, região nobre da cidade, foi tomada por mansões que até hoje estão lá com muita tranquilidade (WHITAKER, 2011, p. 77).

As grandes cidades brasileiras são todas cheias de favelas muito populosas, lugares onde a vida é pouco respeitada e ações do tipo descrito acima são comuns, ao lado de outras formas de expurgo. Na cidade de São Paulo, nos últimos anos, houve muitas suspeitas com relação à frequência de incêndios em favelas, embora o sistema judi-

ciário não tenha feito maiores investigações a respeito. Apenas no ano de 2012, foram 38 ocorrências. Mesmo levando em consideração que formas precárias de habitação são mais vulneráveis a incêndios, é curioso que tais incidentes se verificam, com frequência desproporcional, em favelas localizadas em lugares valorizados. Após o fogo, removem-se os moradores e, em pouco tempo, surgem condomínios no local. Até setembro do mesmo ano, o Programa de Prevenção contra Incêndios em Assentamentos Precários (Previn) não recebeu um único centavo do que foi orçado para essa finalidade pelo poder público municipal.

A facilidade com que são segregados e exterminados contingentes populacionais no Brasil é claramente perceptível na grande quantidade de pessoas mortas pela polícia, predominantemente gente pobre da periferia. Dados do Estado de São Paulo, divulgados pela própria Secretaria de Segurança, revelam que 2.045 pessoas foram mortas no estado pela Polícia Militar entre 2005 e 2009; segundo a secretaria, “em confronto”, casos registrados como “resistência seguida de morte”. Quadros similares se repetem em vários outros estados da federação. No ano de 2006, quando houve uma onda de rebeliões desencadeadas pela organização criminosa PCC em presídios paulistas, apenas no mês de maio grupos paramilitares mataram nas



busca somente informar, mas também construir, por meio de várias estratégias comunicativas, mapas cognitivos para seus leitores, orientando-os para a ação e dirigindo suas formas de ler, de interpretar a realidade e se posicionar diante dela. A cultura da mídia fornece o material com que muitas pessoas constróem o seu senso de

periferias 564 pessoas - cifra bem superior ao número oficial, apurada em pesquisa da Universidade de Harvard ("São Paulo sob achaque", CONTRAPONTO, 2012, p. 6). Dos assassinados, 505 eram civis, na sua maioria jovens entre 15 e 25 anos, negros e pobres. Esses crimes, cometidos em represália ao PCC, que tiraram a vida de muitos meramente suspeitos e mesmo de inocentes, ficaram conhecidos como os crimes de maio, até hoje não punidos.

3. O papel da mídia

A linguagem não é somente um meio em que palavras designam objetos e estados de coisas no mundo por meio de representações, mas também tem força performativa – as palavras agem sobre a realidade e a moldam. Dizer é fazer. Quando determinado agente, reconhecido publicamente como autorizado para uma ação, efetivamente a realiza, são provocadas mudanças no mundo, ainda mais se esse agente é um meio de comunicação que chega a uma grande audiência. A mídia não

classe, de etnia e de raça, de nacionalidade, de sexualidade, de "nós" e "eles" outros". A mídia participa de maneira intensa da construção da visão prevalecente e dos valores ou desvaleres mais arraigados (PRADO, 2006).

O apartheid social e o expurgo do outro no Brasil vêm de longe, mas também vêm de perto, de opções políticas, econômicas e sociais da história recente. Responsabilizar apenas o passado escravocrata e colonialista, como se faz às vezes, é uma maneira de declinar das responsabilidades atuais. Em que pese o fato de as raízes do apartheid e dos expurgos do outro serem profundas, e não criações da mídia, cabe reconhecer que esta se entrelaça com a história de injustiças e enormes desigualdades sociais no país. Como, no Brasil, as riquezas sempre estiveram em poucas mãos e o Estado patrimonialista criou mecanismos para reproduzir, fortalecer e perpetuar essa situação, a mídia brasileira, ao longo da história, também ficou encerrada em poucas mãos e



mantém-se assim, ao lado de leis que garantem a perpetuação da concentração e da posse de concessões públicas em benefício de algumas classes sociais. Criou-se então um ciclo vicioso em que a mídia, por um lado, ajuda a reforçar a concentração de riqueza e poder, naturalizá-la e legitimá-la, enquanto, por outro, é mantida e controlada pelos detentores de riqueza e poder, evitando vozes divergentes e regulações democráticas para a comunicação.

3.1. Quanto ao apartheid social

Como parte do sistema de poder político e econômico mencionado acima, é comum que a mídia naturalize e desenvolva estratégias de legitimação do apartheid social existente no país. As informações jornalísticas são difundidas segundo o lugar e a interpretação de mundo de quem detém o poder de comunicação, ao passo que a maioria da população não tem voz ou não é representada. A realidade da pobreza é estigmatizada e só ganha espaço na mídia quando relacionada a desgraças e violência. Nos meios de comunicação, desenvolvem-se estratégias de construção de processos de identificação de quem são os aceitos, os “mesmos”, os que adquirem sucesso na vida, galgam degraus na escala socioeconômica de posicionamento social, os modelos de vida aceitos pelas classes médias e altas ou pela média do público. E também se põem em marcha processos identificatórios de quem são os “outros”, os rejeita-

dos socialmente, a parte do corpo social diferenciada do público espectador valorizado; os menos confiáveis, os “perigosos”, dos quais se procura estabelecer distância relativa, seja na sociedade, seja nas formas de comunicação da mídia, ou afastar os holofotes, para deixá-los à margem, segregados (PRADO, 2006). Em alguns casos, estes são inscritos como “inimigos” e excluídos.

Tais caracterizações e separações acontecem em diversos meios de comunicação, das novelas aos noticiários; no Brasil, o veículo que faz isso de maneira mais aberta e, poder-se-ia dizer, até escrachada é a revista *Veja*. A construção do “mesmo” pode ser percebida nas constantes matérias e capas com os temas da riqueza, sucesso, tratamentos sofisticados de saúde, figuras de sucesso no mundo do dinheiro, sejam empresários, artistas ou desportistas. Raramente se vêem nas páginas de *Veja* outras formas de sucesso, como a intervenção social de um grupo da sociedade civil, a figura de um pesquisador brasileiro que desenvolva uma política pública bem-sucedida ou uma comunidade que construa sua cooperativa. Em geral, são formas de sucesso não coletivas que giram em torno do dinheiro. Já a “construção do outro” pode ser percebida nos temas da miséria, violência, movimentos sociais, os não aceitos e estigmatizados (índios, negros, mulheres, miseráveis, bandidos,



deficientes, muçulmanos, pessoas da periferia, sem-terra etc.).

É comum o acúmulo de riquezas ser apresentado como resultado de trabalho duro, e a pobreza, como indolência, algo generalizado na mídia hegemônica – por exemplo, quando se aborda a questão dos programas sociais brasileiros. Isso, além de ser uma simplificação exagerada que oculta os efeitos perversos da má distribuição de renda, ofende os trabalhadores que passam a vida trabalhando duro, mal ganhando o próprio sustento, muito menos enricando, como os operários da construção civil e os que descarregam cargas no mercado. São constantes as matérias que fazem o elogio despolitizado das virtudes do dinheiro, sem tematizar os desequilíbrios e injustiças do sistema capitalista, bem como matérias que apresentam a miséria como ameaça e espaço construtor do crime, e não como fruto do acúmulo de riquezas.

3.2. Quanto ao expurgo do “outro”

O expurgo do outro na comunicação se dá por meio de estratégias de construção de sentido que diminuem ou retiram a dignidade de segmentos sociais, elegendo determinados segmentos como inimigos e favorecendo o imaginário de que algumas formas de vida valem menos ou muito pouco e podem ser segregadas, desrespeitadas em seus direitos, despojadas deles ou

mesmo eliminadas facilmente. Uma forma de expurgo é a concepção de que partes consideráveis da sociedade são pobres ou miseráveis porque não trabalham; outra, mais forte, são as construções de sentido postas em prática pela mídia que retratam os pobres como sinônimo de violência e culpados por ela. Tais construções os expõem como inimigos comuns das classes mais favorecidas economicamente, daqueles que dizem “trabalhar e pagar impostos”. Como mencionado acima, em muitas formas de comunicação esse inimigo comum é descrito como ameaçador e os indivíduos são conclamados a reagir coletivamente contra eles. Os exemplos históricos mais marcantes desse tipo de atitude social e comunicacional são os judeus, na Alemanha nazista, e os chamados “dissidentes” políticos, na era stalinista, ambos caracterizados como inimigos do povo. São os exemplos mais claros, mas essa estratégia é mais comum do que eles podem sugerir (THOMPSON, 2009, p. 87).

Essa propaganda midiática em torno de inimigos comuns não se faz do nada para se impor às massas. Ela sempre age, em geral, sobre um substrato preexistente, seja uma mitologia nacional, seja o simples complexo de ódios e preconceitos tradicionais. A propaganda nazista foi exitosa porque ganhou a cumplicidade da população alemã. A maior preocupação dos pro-





pagandistas reside na identificação e na exploração do gosto popular, mesmo naquilo que tem de mais perturbador e absurdo. É a estratégia, por exemplo, que se emprega na atualidade, tendo em vista a redução da maioria penal, ao eleger os menores infratores como os responsáveis pela onda de violência. Eles são eleitos como inimigos, podendo ser eliminados ou segregados em presídios, “universidades do crime”, e assim se encobre a responsabilidade de governadores sobre a violência.

Muitos já ouviram ou leram a máxima segundo a qual uma mentira repetida mil vezes se torna uma verdade. Essa frase, em várias versões, é atribuída a Joseph Goebbels (1897-1945), o ministro da Propaganda do regime nazista. Mesmo que a frase não seja realmente dele, não deixa de ser verdade que Goebbels foi um mestre na transformação de mentiras em senso comum e verdade. Trata-se de uma forma de comunicação que apela mais à emoção que ao intelecto, pois simplifica situações complexas, simplifica os enunciados, os repete incessantemente com apelos emotivos para as massas (THOMPSON, 2009, p. 203).

A reprodução paciente e constante de algumas ideias simplificadas em slogans que fossem repetidos e chegassem a tocar diretamente o coração, em vez das mentes, era a chave dessa técnica, ain-

da hoje muito usada em publicidade e comunicação.

Guardadas as devidas proporções, são estratégias comunicativas muito semelhantes às descritas acima com relação à explicação de certas mídias, como a revista *Veja*, para o problema altamente complexo da violência urbana. Simplifica-se a questão, responsabilizando os pobres pelos problemas e elegendo-os como inimigos comuns da segurança e da tranquilidade da classe média e alta. Depois, martela-se isso repetidamente em inúmeras matérias, capas e manchetes, em sintonia com outros veículos de comunicação, como o *Jornal Nacional* da Rede Globo. A ampliação exagerada das notícias é um processo jornalístico empregado correntemente pela imprensa, que põe em evidência todas as informações favoráveis aos seus objetivos. São formas de discurso autoritário que não levantam interrogações ou explicações consistentes, mas torcem os fatos e os amoldam a conclusões pré-fabricadas. Não elaboram argumentos, produzem slogans. Produzem montagens, cortes ou ângulos nas imagens e textos para aparentar uma realidade em consonância com seus enunciados. Ignoram a realidade, substituindo-a pelo preconceito.

A estigmatização, a segregação e o expurgo do outro não se restringem ao noticiário; são muito presentes também em programas



de entretenimento, como novelas e humorísticos.

Um caso mais que evidente para falar do assunto é a personagem Adelaide, do programa humorístico Zorra Total, da Rede Globo, que abusa de estereótipos que aviltam a mulher negra e pobre. Para caracterizar a personagem, o ator Rodrigo Sant'Anna escurece a pele com maquiagem e usa um nariz falso largo e uma prótese na boca, sem os dentes da frente. A personagem não é novidade na dramaturgia brasileira. É frequente a construção de personagens negras ou de classe econômica baixa que têm como pretensão fazer as pessoas rirem. Adelaide é uma mulher negra, de meia-idade, que entra no metro pedindo esmolas e, consequentemente, "importunando as pessoas". O riso retira a capacidade de perceber o horror por trás de tais cenas. A caricatura ancora no humor o pior do imaginário racista e classista brasileiro, que procura fazer rir das barbáries mais chocantes da história passada e presente do país.

Palavras finais

A mídia que empreende essa forma de construção de sentido para explicar a desigualdade social,

com a moral do mais forte e mais poderoso, revela algo não apenas sobre si, mas também sobre parte da audiência que busca e valoriza esse tipo de conteúdo, concorda com ele, o endossa e se sente reforçada por ele em suas crenças e formas de compreensão do mundo. As múltiplas imagens construídas pela mídia tanto abastecem o imaginário quanto bebem dele, que funciona como catalisador, estimulador e estruturador das práticas sociais. O discurso segregador é construído a partir do lugar de fala das classes A e B, público mais visado, e exprime de maneira considerável aquilo com que a maior parte desse público concorda, em contraposição ao "outro" do qual se tenta diferenciar ou mesmo se afastar simbólica e fisicamente, conforme se procurou demonstrar nas análises acima.

** Padre paulino é jornalista, formado em Filosofia e Teologia (Faje-BH), Mestre em Comunicação pela PUC-SP, onde cursa doutorado. Editor de Vida Pastoral. Publicou pela Paulus, o livro A ditadura continuada: fatos, factóides e partidarismo da imprensa na eleição de Dilma Roussef.*

Transcrito da Vida Pastoral. 293

Se você tiver olhos, vai ver que cada momento é uma surpresa, e nenhuma resposta pronta jamais é aplicável.

Osho



Liberdade de ver e ouvir



Jorge Carrano

Em recente evento no Canadá, Edward Snowden não entrou no palco. Apareceu em cena via robô, que operava de algum lugar no território Russo. Sua localização é segredo, pois é procurado pelas agências de segurança dos EUA e da Europa. O que fez Snowden? Revelou segredos da NSA (National Security Agency) sobre o programa do Governo Obama para espionar pessoas, empresas e governos.

Quando perguntado por que resolveu vazar as informações para a imprensa, Snowden deu uma declaração interessante. Disse que poderia ter ido a uma comissão do Congresso, mas percebeu que, sendo um funcionário de uma agência de segurança, provavelmente “desapareceria” junto com sua história. Mas a Constituição ameri-

cana garante liberdade de expressão da imprensa. Isso nos remete à vital necessidade de uma imprensa livre. Livre não quer dizer inconsequente ou irresponsável. Mas livre tem que significar o direito de pesquisar, investigar, entrevistar e dar voz aos cidadãos sobre qualquer assunto, por mais crítico e sensível que seja. Transparência é uma característica imprescindível do nosso mundo conectado. Algumas empresas e raros governos já perceberam isso.

O caso Snowden, de certo modo, remete ao de Julian Assange, fundador do site WikiLeaks, do grupo Anonymous ou da blogueira cubana Yoani Sánchez, igualmente importantes por revelarem coisas que governos e empresas tentam manter em sigilo. Apesar de essas iniciativas serem repelidas pelos porta-vozes dos governos, e seus autores serem



taxados de criminosos, começa a surgir um perigoso senso comum de que abrir mão do sigilo e da privacidade é um preço aceitável para se ter acesso ao novo universo de interações das redes sociais e aplicativos. As novas gerações parecem importar-se pouco com o fornecimento de dados pessoais ou para a forma como eles são tratados pelos sites.

No entanto, abrir mão de seus direitos - neste caso, o direito à privacidade - é uma atitude muito arriscada. Como disse Snowden, "seus direitos importam muito porque você nunca sabe quando vai precisar deles". Sob o impacto do terrorismo e da violência, as pessoas cedem às revistas, ao raio X, ao excesso de câmeras, ao monitoramento das comunicações. Isso movimenta uma poderosa indústria de serviços de segurança, equipa-

mentos, de big data, de anúncios "sob medida" nos sites e redes sociais.

Mas a tecnologia que permite aos governos espionar as pessoas é a mesma que dá também poderes às pessoas de fiscalizar os governos. Edward Snowden não teria dado sua palestra no Canadá se não fosse pela tecnologia. A internet tem a possibilidade de ser usada para o bem ou para o mal. Mas se queremos uma internet para o bem, em primeiro lugar, ela precisa ser livre. Sem isso, não poderá agir a favor da liberdade. O que queremos fazer com a internet, como sociedade, diz mais sobre quem somos do que aquilo que ingenuamente postamos no Facebook.

Jorge Carrano é presidente da agência digital Tau, Virtual

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



POR QUE SE DIVORCIAM OS CASAIS?

Deonira L. Viganó La Rosa

Mil e uma são as razões. E não só para divorciar-se, como para justificar perenes lamúrias e desavenças. Cada casal tem uma ou mais justificativas a dar.

Há aqueles ou aquelas que não conseguem separar de sua relação matrimonial alguns aspectos não resolvidos de sua infância. Parece irracional, mas no fundo um dos dois acredita que papai e mamãe sempre faziam tudo melhor que seu esposo ou sua esposa.

O príncipe azul também entra em ação: Há os que se divorciam quando descobrem, chocados, que se casaram com um ser humano comum, com defeitos irritantes, e não com um amante mitológico, um amante perfeito.

Apresenta problemas de personalidade: são patologias ou imaturidades que o tornam incapaz de conviver saudavelmente com outros, especialmente com um marido ou uma mulher, e, para completar, não há esforço de sua parte para conhecer-se, tratar-se e melhorar.

Outros justificam seu divórcio alegando que cada um tem a liberdade de escolher com quem quer estar em cada momento de sua vida. E afirmam que, deste ponto de vista, trocar o parceiro, a parceira, seria um ato saudável de crescimento.

Um (ou os dois) se permite ter maliciosa e demasiada proximidade com pessoas do sexo oposto, até chegar à traição.

Há também aqueles casais que são emocional e estruturalmente incompatíveis, o que, apesar da boa vontade,

Rupturas se dão porque um dos parceiros a-





de, não lhes dá chance de conviver a não ser em constantes desavenças. Dizem que encontrar a pessoa adequada é tão difícil como encontrar uma agulha no palheiro.

Nenhum dos dois parceiros quer ser a “esposa” da casa (exercer a função de esposa, em termos tradicionais, bem entendido). Diante do poder social e público da mulher, os homens mais facilmente se vêem diante da alternativa de dominar ou submeter-se, com menos possibilidades de êxito no que concerne ao seu tradicional costume de comandar. Ambos vêm no divórcio uma possível solução para este impasse.

Uma tendência mundial é afirmar que a agitada vida urbana debilita e destrói os laços familiares. A alienação e o anonimato de cada indivíduo aumentam as possibilidades de que se rompam os compromissos de longo prazo.

A crítica feminista é um fator a considerar: O matrimônio de relações verticais, com o subjugo da mulher, vai sendo substituído por relações livres, baseadas na igualdade.

E tem a praga social. O divórcio seria como o mau tempo: é um fenômeno natural, imprevisível e inexplicável. Assim como se faz em relação ao tempo, uns aproveitam quando há

sol, e fogem quando aparece a tormenta.

E você, o que pensa?

Do nosso ponto de vista, o casamento é como uma viagem que vai durar toda a vida. Nesta viagem estaremos confortáveis e felizes, mas poderemos passar por países gelados e estar dispondo apenas de roupas de verão, então, providenciar roupas de inverno é o jeito.

O modo como entendemos o casamento pode ser determinante na hora das dificuldades. Há os que diante dos aborrecimentos decidem irreversivelmente terminar. Outros, ao contrário, se negam a aceitar que o matrimônio está definitivamente ferido, e sabem da importância que tem a vontade dos dois para torná-lo viável e prazeroso.

É muito provável que, por trás da maneira como cada casal reage, exista, consciente ou inconscientemente, uma concepção do que o matrimônio deve ser: se é “natural” terminá-lo ou se é “natural” que perdure. Provavelmente nenhuma das duas coisas seja “natural”.

Viver bem a dois é também uma questão de decisão. Para ficar junto é preciso querer. O fato de ter um projeto em comum, de ter empenho e criatividade, surpreendendo o outro com a novidade que tanto



alimenta os sistemas maritais, a decisão de esconjurar a dúvida em relação à durabilidade da união, tudo isto pode ser a roupa de inverno que precisamos para suportar os frios e tempestades imprevistos.

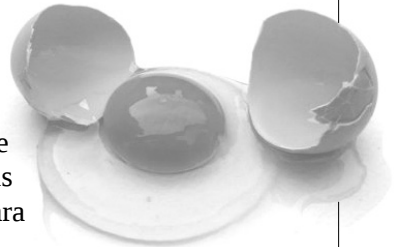
nada adiantaria sua boa vontade. Ficar juntos tornar-se-ia um inferno e todos queremos e precisamos que nosso casamento seja uma jornada feliz, mesmo que haja fortes e tenebrosos invernos.

Ressalvamos os casais que realmente se enganaram na escolha do parceiro, da parceira, e que de

Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e Família.
Mestre em Psicologia.

Colaboração recebida por e.mail de Geraldo Leal da Silva

Num curso de 'AGENTE DE SAÚDE COMUNITÁRIA' me ensinaram que, na hora da queimadura, seja lá a extensão que for, a primeira providência é colocar a parte afetada debaixo de água fria corrente até que o calor diminua e pare de queimar outras camadas de pele. Depois devemos passar clara de ovo, levemente batida.



Pois, pasme, na semana passada, uma amiga, queimou uma grande parte da mão com água fervendo. Colocou então a mão em baixo da torneira, bastante tempo, para tirar aquele calor inicial, porque a dor era violenta. Então abriu 2 ovos e separou as claras, bateu um pouco, e ficou com a mão naquela coisinha chata, que era a clara. Estava tão queimada a mão, que assim que ela colocava a clara em cima secava e ficava uma película, que depois ficou sabendo que era colágeno natural. Ficou pelo menos uma hora colocando camadas de claras na mão.

À tarde, não sentia mais dor alguma, e no dia seguinte apenas havia a marca vermelha arroxeadada onde havia queimado. Pensou que ficaria com uma cicatriz horrível, mas para sua surpresa, depois de 10 dias não está com nenhuma marca do acontecido. Nem a cor da pele mudou. A parte queimada foi totalmente recuperada pelo colágeno existente na clara de ovos, que na verdade é uma placenta cheia de vitaminas.

Repasse!

Sempre existe alguém que pode precisar.

Instituto de Botânica - Seção de Ficologia
Caixa Postal 4005 - 01061-970 São Paulo, SP, Brasil .



Quem é o meu próximo?

Segundo a Tradição Bíblica nós somos imagem e semelhança do Criador, ou seja, somos divinos por excelência, ou melhor, somos Sagrados. Porém, no desenrolar de nossa história, percebemos que o nosso agir está longe de assemelhar-se ao Criador. Estamos sempre em pé de guerra, ou com os nossos vizinhos, ou com uma nação.

A humanidade nesse momento vive em estado de Guerra. Nunca se matou tantas pessoas, seja através do trânsito caótico de nossas cidades ou com “Balas” que são disparadas nas favelas brasileiras e ainda com mortes que são cometidas por pura banalidade. Diante desse cenário o que fazer então? Ficar de mãos atadas e vendo tudo isso passar sem fazer nada ou realizar pequenos gestos individuais e coletivos para amenizar a dor de milhares de pessoas. Em certa ocasião um mestre da lei fez a seguinte pergunta para Jesus: Quem é o meu próximo? Jesus contou-lhe uma Parábola: um homem, a caminho de Jerusalém a Jericó foi assaltado e estava quase morto. Tendo passado três pessoas quase no mesmo instante, somente um teve compai-

xão e usou de misericórdia para com ele. Nesta parábola se diz que esse homem que parou era Samaritano. Lembremos que judeus e samaritanos eram inimigos mortais.

Essa estória pode ser a sua história de vida, quantas vezes encontramos pessoas em nossos caminhos e não temos a coragem de ajudar, ficamos em nosso comodismo e não somos capazes de estender as nossas mãos para o que está caído, à margem do caminho. O agir de Jesus nos estimula que temos que mudar o nosso estilo de vida.

As palavras de Jesus não eram palavras soltas ao vento, tudo que ele dizia, ele vivenciava na sua própria vida, era coerente em tudo o que fazia. Jesus nos amou até um fim, usando de misericórdia para com Todos, não fez distinção de pessoas, ia sempre ao encontro do próximo. Que a vida de Jesus motive a todos os cristãos a seguir fielmente as suas pegadas.

*Pe. Eduardo Belotti é Assessor
Eclesiástico MFC de Maringá*



QUEM TEM MEDO DA MORTE?

*Jorge Leão**

Muitas pessoas reconhecem que não é difícil acordarem pensando que um dia a morte chega. Então, resta a ideia de que seremos conduzidos para um lugar melhor. No entanto, talvez o drama maior seria o de perder o corpo, para os cultores da boa forma física. E como ficaria nossa tão querida caminha? Reclamam os que adoram um bom sono. E a cervejinha com os amigos no fim de semana? Questionam os boêmios. Segundo outros, por isso talvez esse assunto é tão desagradável. Falar em cemitério então, nem pensar...

O tema da morte no Ocidente ganha caráter polêmico, pois nossa cultura narcisista não entende o que para os orientais é algo simples, o de que estamos apenas em um momento, mas não no único momento. Houve outros e haverá ainda muitos. Talvez isso

dificulte o desapego para muitos de nós ocidentais, sobretudo pelo extremo materialismo a que estamos mergulhados atualmente.

Mas, o que teria a ver a morte com desapego? Tudo, uma vez que ela é a experiência do sentir-se descolado no tempo. Não é percebido quando agimos por instinto de sobrevivência. Assim também não percebemos quando dormimos. Algo similar acontece com a morte. A tão temida experiência sucumbe ao contínuo sentimento da livre doação no tempo. E aí está o xis da questão: que sentido damos àquilo que supomos ser propriedade nossa?

Assim, não teremos como negar o fato, mas saberemos lidar com ele de modo mais digno e elevado. Contudo, quando a experiência da vida não ocorre de modo simples e edificante, resta tempo para pensarmos na morte e no lugar para onde iremos depois dela. Isso somente reflete nosso despreparo e pouco amadurecimento espiritual. Muitas





peças se apegam em demasia às suas perdas, pois não reavaliam seus percalços afetivos do passado. Certamente alguém que tem dificuldade de perdoar, não supera suas mágoas, e custará muito até sublimar suas perdas, quando elas acontecerem.

Por tudo isso, vale lembrar que a vida deveria ser nossa maior dívida. Com isso, restaria uma questão: que representa a morte diante de uma vida vivida em sua plenitude? Apenas uma passagem. Nada mais que isso.

Saibamos, pois, adentrar na experiência da distância física não com a sensação de ter per-

dido algo. Pois, se não tínhamos a posse dele, não o perderemos. E isso acontece se de fato amamos a pessoa agora lembrada em nossa memória. “Deixemos que os mortos cuidem de seus mortos”, como afirma o evangelho, enquanto nós, cuidemos de viver intensamente o mistério da vida, para que a nossa “irmã morte” (como diz São Francisco de Assis) não seja tão temida e, às vezes, injustamente acusada de levar de nós aqueles que amamos. Triste dela, se assim o fizesse, triste de nós, se assim o pensarmos.

*Jorge Leão é Professor de Filosofia.
Mefecista de São Luís-MA*

Utilidade - Fermento Vencido pó Royal vencido

O que você faz com o fermento em pó com validade vencida???

Da próxima vez que você pensar em jogar fora experimentalmente na limpeza de azulejos e inox.

Misture 5 colheres de sopa de fermento em pó vencido com 1 litro de água.

Ensope uma bucha e esfregue o local. Agitando a mistura sempre que for Ensopar a bucha, o seu banheiro e cozinha vão agradecer, a pia do banheiro FICA limpinha e todo o material de inox que você tiver no banheiro também.

Experimente!!! Nunca mais VC vai jogar fermento vencido no lixo.

Eu faço a minha parte, e você?

Reciclagem e reaproveitamento de materiais

Separe o lixo, economize as reservas naturais, o mundo não está aqui apenas para servir você...

Recicle, Reaproveite, Reutilize





Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Formação

No centro de nossas preocupações e do MFC está a pessoa humana que forma milhares de famílias em todo Brasil, e que atualmente sofre agressões de todos os lados dentro deste mundo globalizado. A família é a grande instituição humana capaz de fazer as grandes transformações no ser humano, na medida em que ela própria dá soluções para as necessidades que serão a base para a construção de um ser humano: terno, amoroso, solidário, pacífico.

Logo a família precisa ser redirecionada para encontrar o seu caminho sem perder o seu carisma de comunidade de amor, lugar do direito e do princípio do cuidado, da solidariedade, partilha, amizade, companheirismo, respeito e unidade, sua identidade de uma instituição natural contendo valores que são perenes que jamais podem ser ofuscados, rechaçados, tolhidos ou desprezados e sua missão de educadora na fé, de ensinar viver a paz, a justiça e o perdão, e desta maneira fazer nascer uma nova sociedade que busca a fraternidade

e para que isto aconteça é necessário, dentro de todos os acontecimentos que envolvem a sociedade, tentar colocar uma visão do Cristo, através do anúncio da Boa Nova.

Dentro desta perspectiva "O Secretariado Nacional de Formação" propõe que continuemos viver o clima do 18º ENA de Vitória da Conquista onde refletimos sobre **TEMA: FAMÍLIAS: abram os olhos para os desafios do século XXI, com o LEMA: "Eu vim para que todos tenham vida, vida em abundância" (Jo 10, 10).**

Então propomos uma série de temas e subtemas que estão sendo desenvolvidos no Programa de Formação de Minas, que permitiu, com muito presteza, que fizéssemos uso deste seu trabalho.

A sequência de temas será publicada sempre na revista Fato e Razão e lembramos que os textos enviados constituem opções de estudo e reflexão nas reuniões das equipes-base e que podem fazê-lo conforme sua programação interna, investindo o



tempo que julgarem necessário, sem pressa de conclusão. Importante mesmo é que possam auxiliar a todos em sua vivência cristã.

TEMAS PARA REFLEXÃO NA EQUIPE-BASE

1 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA EM MEIO AOS DESAFIOS DA REALIDADE ATUAL

O PAPEL DA FAMÍLIA COMO AGENTE ESSENCIAL DE EDUCAÇÃO

2 RELACIONAMENTO HUMANO COMPORTAMENTO – VIRTUDES E HÁBITOS – ÉTICA

3 COMPROMETIMENTO DO CRISTÃO COM A CONSTRUÇÃO DO REINO

4 O QUE NOS DIZEM AS ENCÍCLICAS MAIS RECENTES

Outros tópicos poderão ser acrescentados para o benefício da formação das equipes-base. Nessa perspectiva, serão sugeridos temas sobre PERDÃO, JUSTIÇA E PAZ..

Encaminhamos agora o texto correspondente ao 1º Módulo do Tema 1.

Bom trabalho! E que Deus abençoe a todos e às suas famílias!

TEMA 1:

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA EM MEIO AOS DESAFIOS DA REALIDADE ATUAL

1º MÓDULO:

Apelos éticos do Documento de Aparecida sobre a família

ORAÇÃO INICIAL

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da Terra.

Oremos: Deus, que instruístes os corações de vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.

INTRODUÇÃO

As grandes utopias que tentavam construir um mundo melhor para todos, contemplando especialmente a numerosa população marginalizada com os benefícios do progresso da sociedade, chegaram ao fim do século passado sem terem realizado seu sonho. Os países que apostaram na proposta socialista não conseguiram êxito, o que causou decepção em todos os povos que alimentavam o sonho de uma igualdade social e econômica.

Entretanto, não foi somente o fim da utopia socialista que deixou povos sem rumo. Também o neoliberalismo e a economia de mercado deixam povos inteiros viverem na insegurança do dia de



amanhã, pois produzem um grande número de marginalizados. Diante da miséria crescente, os cidadãos se tornam reféns em sua própria casa, protegendo-se daqueles que a sociedade tornou violentos.

Nessa luta pela sobrevivência, só existem perdedores, e a vida humana se tornou mercadoria, isto é, o homem deixou de ser a medida de todas as coisas e passou a ser um meio de produção. As pessoas começam a perder a **esperança**, abrindo espaço para um comportamento **individualista e relativista**, em prejuízo da **ética** na sociedade em que vivem.

A vida humana, diante das filosofias e religiões diversificadas, mudou profundamente seu significado. Os valores presentes nos relacionamentos, que tornavam a **vivência da fraternidade** e a **justiça uma decorência natural da atitude** perante a vida, perderam seu sentido. Após a última guerra, a grande conquista interior do homem foi da liberdade, mas uma liberdade limitada, sem um ponto de referência que desse uma direção, e esse relativismo tornou o homem infeliz e inseguro. A ausência de um sentido último para a vida faz o homem vítima de si mesmo, pois, quando não existe uma direção, qualquer caminho se torna possível. É o que o Papa Bento XVI chamou de ditadura do relativismo.

Essa falta de um significado mais profundo da vida humana, carente da perspectiva de **transcendência**, isto é, de superação de sua natureza física, propicia o fortalecimento dos interesses individuais. Vemos crescer a cada dia a tendência ao imediatismo, com decisões superficiais por aquilo que interessa a cada um ou ao seu grupo particular.

A falta de compromisso com **as pessoas** tornou frágeis os **laços familiares**, a confiabilidade nas **relações de trabalho** e a credibilidade nos homens públicos. O imediatismo nas soluções e a fuga de envolvimento sociais e afetivos acentuam o egoísmo.

PARA REFLEXÃO E PARTILHA:

- Vivemos hoje em um mundo sem esperança? Eu também me sinto assim?
- A convivência no ambiente familiar está mais difícil hoje? O que está atrapalhando?

APELOS ÉTICOS DO DOCUMENTO DE APARECIDA SOBRE A FAMÍLIA

O Documento de Aparecida (texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorrido em 2007) faz 192 menções à família e enfatiza sua importância. A família é algo que deve atravessar todo discurso e todas as ações,



porque é no núcleo familiar que tudo começa e tudo termina.

A família é um **“Patrimônio da Humanidade e um dos tesouros mais importantes dos povos da América Latina”** (parágrafos 114 e 302). **Tudo aquilo que é patrimônio da humanidade não pertence somente a um grupo social. Do ponto de vista conceitual, o documento afirma que “A família cristã está fundada no sacramento do matrimônio entre um homem e uma mulher, sinal do amor de Deus pela humanidade e da entrega de Cristo por sua esposa, a Igreja. A partir dessa aliança se manifestam a paternidade, a filiação e a fraternidade, e o compromisso dos dois por uma sociedade melhor.”** (433). Aqui está o eixo para não deixar esquecer o ponto central da fé cristã e da cultura de nossos povos.

O descuido deste “patrimônio da humanidade”, tanto pelas Igrejas quanto pelo Estado, propicia o que há de mais perverso em nossa sociedade: “... crianças e adolescentes, submetidos a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa” (48); “a avidez do mercado que descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos” (50); a cultura do consumismo que se torna cada vez mais uma patologia, pois “as novas gerações são as

mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações mais profundas” (51); o vergonhoso cenário de **“meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil”** (402).

Um alerta para o perigo de nos deixarmos “contagiar facilmente pelo consumismo individualista” (397) nos conduz à reflexão sobre os esforços que os provedores da família enfrentam para conseguir atender aos apelos consumistas, em uma sociedade cada vez mais dominada pelos valores impostos pelo capitalismo. O estresse, o excesso de trabalho, a falta de tempo para a família e para o lazer leva facilmente ao desânimo e a seus efeitos.

Na sequência dessas reflexões, o documento faz referência aos idosos, cujo número aumenta significativamente também com carência de cuidados e uma cultura de pouco respeito e cumplicidade dos mais jovens para com suas histórias. O respeito da sociedade atual parece ser maior para os que estão na cadeia produtiva. Os velhos já produziram, logo, o respeito é menor, isto é, o mundo não está desenhado para os anciãos. Diz o texto: “Isso nos deveria levar a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles estão (...) **também os anciãos que, além de**





sentirem-se excluídos do sistema produtivo, veem-se muitas vezes recusados por suas famílias como pessoas incômodas e inúteis” (65).

O documento é enfático no que se refere às mulheres na família e nas comunidades eclesiais. As mulheres, que são as primeiras transmissoras da fé, constituem quase que cem por cento das agentes na catequese e nas pastorais evangelizadoras. No entanto, por vezes, a sua valorização e a de sua dignidade deixam muito a desejar. Consta no documento: **“Nesta hora da América Latina e do Caribe, é urgente escutar o clamor, muitas vezes silenciado, de mulheres que são submetidas a muitas formas de exclusão e de violência em todas as suas formas e todas as etapas de suas vidas.** Entre elas, as mulheres pobres, indígenas e afro-americanas que têm sofrido dupla marginalização. É urgente que todas as mulheres possam participar plenamente na **vida eclesial, familiar, cultural, social e econômica**, criando espaços e estruturas que favoreçam maior inclusão” (454).

PARA REFLEXÃO E PARTILHA:

- O texto fala de alguns desafios que enfrentamos na vida atual. O que mais me chamou a atenção?

- Todos sabemos das dificuldades que a família enfrenta. De que maneiras nós, cristãos, podemos buscar forças para lidar com elas?

REFERÊNCIAS BÍBLICAS:

Eccl 3, 12-16 – Mc 10, 6-9 – Cl 3, 12-20 – 1Jo 4,7-8

ORAÇÃO FINAL (sugestão)

Nós vos agradecemos, Deus Todo-poderoso, por todos os benefícios que nos tendes concedido; a vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém.

Pai-Nosso – Ave-Maria

(*) Texto adaptado das matérias publicadas nas edições 156 e 158 do jornal *Atuação* (MFC) em preparação para o Encontro Nacional de julho/2013, produzidas pelo Prof. Mario Antônio Betiati.

Publicado na Revista nº 1 – 2009 – Escola de País – Seccional de Biguaçu, Cezar Augusto Detoni

“Não deixem que roubem a esperança de vocês; pelo contrário, sejam portadores da esperança.” (Papa Francisco, em sua viagem ao Brasil, julho/2013)



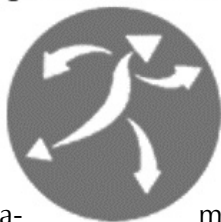


ESPAÇO

Fato & Razão

Segundo O GLOBO, página 31, em 17-04-2014, o extrativista José Cláudio Ribeiro, a religiosa americana Dorothy Stang e o biólogo espanhol Gonzalo Alonso Hernández foram assassinados no Brasil, palco de suas campanhas a favor da conservação do meio ambiente. Eles figuram numa relação divulgada pela ONG GLOBAL WITNESS, que lista 908 ambientalistas executados, entre 2002 e 2013, em 35 Países. Quase metade dos casos ocorreu

global witness



no Brasil no Estado do Pará, estado mais perigoso para a defesa do direito à terra e ao meio ambiente, seguido por Honduras, com 109 assassinatos, e Filipinas, com 67 mortes. A poluição desmedida polui o ar, reduz os mananciais, matam peixes, animais, além de gerar fome e doenças. A EQUIPE DE FATO E RAZÃO lança o desafio de se levar a discussão deste assunto ao interior dos lares e das comunidades frequentadas pelos leitores da revista.



A corrupção política, as licitações desonestas, os superfaturamentos em obras públicas, o tráfico de drogas e de pessoas, a crônica crise no sistema educacional, responsável pela desvalorização de professores, educadores e educandos têm se constituído, durante décadas como uma patologia social das mais sérias. A EQUIPE DE FATO E RAZÃO SUGERE QUE A EDUCAÇÃO, ENQUANTO PROCESSO DE FORMAÇÃO INTEGRAL, SEJA OBJETO DE REFLEXÃO POR PARTE DOS LEITORES E SEUS RELACIONADOS.



Após a Copa do mundo de 2014, o povo brasileiro passará a conviver com mais dois mega espetáculos, ou seja, as eleições nacionais e as Olimpíadas de 2016. Em relação a este evento esportivo, o custo projetado é de US\$ 6,7 BILHÕES distribuídos entre obras, custo operacional e projetos diversos. Este custo não é definitivo pois 28 dos projetos ainda não foram licitados. (FONTE DE INFORMAÇÃO: - granderio@globo.com.br. Diante do que se pode fazer com este dinheiro pela saúde do povo, pelas escolas, pelo trânsito, pelo combate a violência em suas diversas manifestações, A EQUIPE EDITORIAL DE F&R lança, aos leitores, a seguinte questão: - É justificável a realização das Olimpíadas de 2016 no Brasil? - Por que?



POPULAÇÃO EM ISOLAMENTO!

A imprensa tem evidenciado que a violência espontânea que envolve pessoas e famílias (a ser exemplificada pelo leitor), bem como a violência institucionalizada que passa pelos poderes da união, percorre as corporações públicas e privadas, desmoralizando e destruindo a fé e a esperança em um horizonte social, político e econômico com mais qualidade, (a ser exemplificada pelo leitor). São atitudes que comprometem as mais diversas atividades normais da população, como ir ao médico, à escola, à igreja, ao banco, ao cinema, etc.

Depoimentos naturais dão conta de que **“A POPULAÇÃO SE SENTE ISOLADA E DESPROTEGIDA COM A SITUAÇÃO”**. Necessário se faz o enriquecimento



deste conteúdo reflexivo destacando ocorrências, causa (as), envolvimento, responsabilidades e consequências de uma provável continuação deste processo. PENSE NESTA QUESTÃO: - Tendo em vista a necessidade da construção histórica da cidadania, em uma nação forte, digna e representativa da cultura de seu povo, “O QUE FAZER”?



MAIS MÉDICOS

As críticas do CRMMG, não me assustam, pois o interesse deles é, claro, lucro, lucro. Os preços das consultas particulares são absurdos. Os planos de saúde, então, nem se fala. A todo momento, aumentam as restrições por idade, enfermidade, etc. O Dr. Gilson Salomão (Presidente do Sindicato dos Médicos) deveria acordar de madrugada, se locomover para a periferia e tentar marcar uma consulta, e, antes disso, ele precisa perguntar ao seu organismo se ele vai ficar doente, pois, se não marcar a consulta, vai ter que aturar longas horas na fila de uma das UAPS.



Juiz de Fora precisa do programa “Mais médicos”, sim! Uso uma UAPS e vou lhes dizer: o atendimento dos médicos é péssimo; e eles/elas nem examinam os pacientes, pois têm compromissos em seus consultórios particulares! Bem-vindos, médicos estrangeiros, pois, com vocês, estamos conhecendo a humanização nos atendimentos. Sou a favor de que a presidente Dilma edite uma medida provisória para cobrar dos médicos que já se formaram e dos que ainda irão se formar, e que tenham condições financeiras, mensalidades para estudarem em uma universidade federal!

Carlos Alberto de Freitas – Extraído da seção Cartas da Tribuna de Minas

Diária Reflexão

Mas quando se vive plenamente o momento, o tempo não se torna inimigo, e se descobre estar dentro dele.

Anselm Grün

Muitas vezes um gesto, uma palavra, um olhar ou uma revelação muito íntima modificam o nosso rumo.

Frei Betto